ANO 24.º QUARTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 1945 N.º 8030

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO; 50 CENTAVOS

SEVILHA

Sevilha é uma janela aberta para a terra e para o ceu onde a própria morte traz uma canção nos gélidos lábios. Entre as cidades do mundo que sustentam no planeta a arvore do bem e do mal, ela tem um lugar aparte—um fulgor que lhe pertence, uma aleluia inconfundivel.

As gerações que a construiram prenderam-se e fixaram-se nela, tentando limitar o mundo, captá-lo num circulo de seduções permanentes e primaveris. Sevilha aspira á universalidade, mas sem perder nada do seu ser, do seu admiravel sentido do maravilhoso. Capital orgulhosa duma vasta região, onde a abundancia corre como o ouro no Pactolo, transformou a riqueza em obras-primas.

Poderia corromper-se, gastar-se e envenenar-se em volupia ou preciosismo. Preferiu o contrário. Da preguiça, que geralmente gera vicios e torpesas, tirou virtudes, especialmente o gôsto de amar e criar, seguindo o ritmo do seu solo duma fertilidade assombrosa. Pelo seu rio, o Guadalquivir—bucolica mudada em poema de navegações—espreitou e descobriu universo. Mas cautelosamente disse consigo:

—«As estradas do mar não valem os meus latifundios: a seara, a oliveira, a vinha e os montados superam as aventuras da conquista além-mar. Fui á América sómente para a grandeza da Espanha».

O Guadalquivir foi-lhe ao mesmo tempo amarra, destemor e irresistivel ambição. Acabada a descoberta, ficou Sevilha na posse perene da sua alma mistica, orgiaca, contemplativa e ansiosa de queimar-se em turibulos de prata. Os mouros que tanto a retocaram e sublimaram, pensando guardar um bem que nunca lhes fugiria, tiveram que a abandonar, na hora em que os braços são impotentes para segurar a cidadela que desaba. Diz-se que, no Mogreb, alta noite, tendo as estrelas do firmamento como testemunhas, bradavam:

—«Sevilha, Sevilha amada, morro por haver-te perdido, quando as fôrças de que dispunha eram frageis como os prazeres a que me rendi».

Cobriu-se a cidade de monumentos: torres, igrejas, conventos, palácios e escolas se espalharam por toda ela, arrancando-a á quietude do seu morial encanto. Da mesquita, surgiu a estupenda e sortilega catedral. A Giralda, simbolo do perecivel, passou a designio do eterno. Avivou-se nos sevilhanos a noção do pecado. Tornou-se-lhes glória e martirio.

Contra a vida saborosa, sensual, carregada de culpas e de crimes, impunha-se a penitência, a renuncia, o cilicio, a oração e o

JOAQUIM MANSO

(Continua na 10.ª pag.)

Muitos navios alemães
foram atingidos
no pôrto de Kiel

LONDRES, 4.—Aviadores americanos atingiram grande numero de navios no pôrto de Kiel, assim como instalações de submarinos. Um piloto de uma Fortaleza Voadora disse: «Devia ali estar tôda a marinha mercante alemã. Nunca vi tantos navios».—(R.).

O DUQUE DE WINDSOR
abandona as Bahamas
NO MÊS QUE VEM

NASSAU, 4—O duque de Windsor, que pediu a demissão do cargo de governador das Bahamas e parte daqui no próximo mês, apresentou ontem á noite as suas despedidas a ambas as Camaras legislativas. Muitos representantes de todos os partidos politicos exprimiram o elevado apreço pela forma como o duque de Windsor governou as Bahamas.—(Reuter).

Os alemães que combatem
em territorio holandês
vão ter o seu «Dunkerque»

PARIS, 4.—(Urgente).—As fôrças aéreas aliadas estão a atacar centenas de barcaças e de outras embarcações de todos os tipos que os alemães estavam a concentrar no pôrto de Amsterdão e noutros portos holandeses do Zuyder Zee, a-fim de tentarem a evacuação das tropas germanicas que se encontram no leste da Holanda, tendo destruido e danificado já muitas delas.

A impressão dominante dos observadores militares é de que a tentativa alemã de evacuação das fôrças germanicas que operam naquela área da Holanda vai transformar-se num novo «Dunkerque».

Numerosos caças alemães que tentaram interceptar a acção dos aviadores aliados foram derrubados e cairam envoltos em chamas. Ao largo da costa holandesa fôrças aéronavais das Nações Unidas mantêm-se vigilantes e prontas a impedir a evacuação de tropas inimigas.—(U. P.).

O calceteiro de Runa

Libertação de prisioneiros

PARIS, 4—Os elementos da 2.ª divisão blindada do 1.º Exército norte-americano libertaram ontem 33.000 prisioneiros russos, que se encontravam internados num campo de concentração, situado nos suburbios da floresta de Teutoburger, ao sul de Bielefeld.—(United Press).

Aumentou
a ameaça
das tropas francesas
sôbre Karlsruhe

PARIS, 4.—Intensificou-se a ameaça das tropas francesas sôbre Karlsruhe, em consequência duma nova travessia do Reno nas proximidades de Limershim, 12 quilómetros ao norte daquela cidade. A nordeste de Karlsruhe, foi ocupada Bruchsal. Aschaffenburg foi limpa de fôrças alemãs que ofereceram vigorosa resistência, a mais vigorosa que o 7.º Exército do general Patch tem encontrado. Este exército fez, nos ultimos 18 dias 61.000 prisioneiros. A resistência dos alemães nesta frente intensificou-se e os ultimos avanços não são grandes.—(R.).

O ASILO DE RUNA
Como vivem e o que fazem
os nossos inválidos militares
Da prisão do Gungunhana ao 9 de Abril

Um marinheiro sem pernas e quatro camaradas do Exercito

Vimos já o que é o asilo de Runa que a princesa Maria Francisca Benedita mandou construir para os inválidos militares. Hoje ocupar-nos-emos de quem já vive.

O ultimo comandante daquêle estabelecimento militar, no tempo da Monarquia, foi o general Damasceno. Durante a Republica, comandaram-no, sucessivamente o general Carvalhal, os coroneis António Maria da Silva, Vasconcelos e Oom do Vale, o capitão Serra e o major-aviador Moreira Cardoso, que ali está há 2 anos e meio. O médico é o major dr. Aurélio Belo, um verdadeiro apaixonado por aquêle asilo, onde esteve primeiro em 1907, depois, desde 1918 até 1935, e agora desde 1941. O seu amor pelo asilo é tão grande que passa nêle práticamente todo o ano, apesar de possuir uma bela quinta a poucos quilómetros de distancia. Além de tratar, com a maior dedicação, da assistência médica, foi êle quem organizou o museu do palácio e tomou a seu cargo o arranjo do frondoso parque. Os outros oficiais são: o capitão Medeiros, chefe de contabilidade; capitão Varregoso, comandante do corpo de inválidos; e tenente Machado, tesoureiro do conselho administrativo.

Além disso, exercem ali a sua actividade diversos assalariados civis que tratam dos servi-

(Continua na 10.ª pag.)

As tropas de Patton
já avançaram 12 kms.
para além de Gotha

PARIS, 4.—As vanguardas do Exercito do general Patton, depois de terem tomado Gotha, encontram-se 12 quilómetros para além daquela cidade e a 214 quilómetros de Berlim.—(R.).

General alemão prisioneiro

PARIS, 4.—Anuncia-se que as unidades da 4.ª divisão blindada norte-americana prenderam ontem o general Paul Steinbach, antigo comandante militar alemão de duas provincias italianas, quando se encontrava num hospital alemão a restabelecer-se de uma operação.—(U. P.).

Teatros e Cinemas

EFEMERIDES

1845: inauguração do teatro Lethes, em Faro, mandado construir pelo dr. Lazaro Doglione e sua mulher, D. Maria Crespim. Este teatro era na época um dos melhores da provincia, tendo uma lotação de quinhentos lugares. As primeiras pinturas do teatro e do cenario foram executadas pelo dr. Cuman, tio dos proprietarios, e pelo conego Rasquinho. O espectáculo de abertura foi desempenhado por amadores e constou do drama «Almansor», original de Serpa Pimentel, e da farsa «O urso e o Pachá», traduzida do francês.

Teatro em Espanha

O baritono Mañolo Ros continua na companhia de Luiz Calvo, cantando com grande exito as mais famosas zarzuelas do genero chico. Brevemente, a companhia estreia-se em Valencia.

—A companhia Tarsila Criado, que está a trabalhar em Gijon, estreou as eças: «La madre borracia», de Gines de Albareda; «Ellos las engañan», de Tejedor e Muñoz Lorente; «El sillon vacio», de Sanches Neyra e «El Alarido», de Stéfani, tradução de Laurentis e Taramona.

—Casimiro Ortas vai actuar no teatro Fuencarral, de Madrid, durante os meses de julho e agosto.

Atrás do reposteiro

E' hoje que sobe á cena, no Coliseu, a opereta «A Severa», numa adaptação dos escritores Frederico Romero e Fernandez Shaw. A peça tem a seguinte distribuição: «Severa», Carmina Alonso que se estreia esta noite; «Marquesa», America Otero; «Chica», Ester Gimenez; «Cigana», Paquita Lopez; «Velha», Maria Iglesias; «Zagal», Conchita Gimenez; «Marialva», Manuel Abad; «Custodia», Lorenzo Calpe; «Romão Alquilador», Manolo Hernani; «Timpanas», Rafael Caballer; «Mulato», Manuel Gaitan; «Falua», Angelo Cobos; «1.º guarda», Henrique Abad; «Vendedor», António Otero.

—Realiza-se amanhã o ensaio geral para a Censura, da fantasia «A chave do Paraiso», original de João Bastos, musica de Jaime Mendes e João Nobre, que tem a estreia marcada para sexta-feira.

—A companhia Maria Matos representa hoje em Coimbra a peça «Os Anjinhos» e amanhã «A Marechala».

—Começou já a montagem da nova instalação electrica nos camarins e palco do Ginásio. Para a epoca teatral que ali terá de realizar-se, nada está decidido, ou para melhor, a empresa ainda não revelou o que tenciona fazer.

—E' provavél que um dos teatros do Pôrto passe a ser explorado este ano directamente por um dos seus proprietarios.

—Um realizador de filmes, de grande nome, tenciona este ano dedicar-se também ao teatro, organizando uma companhia para espectaculos de grande categoria.

—Dizem que um dos nosos empresarios apresentou ou vai apresentar uma proposta para a realização, no verão, duma revista de grande montagem, numa das primeiras casas de espectaculos de Lisboa. Tambem uma artista de categoria apresentou uma proposta de exploração, no verão, dum teatro que funciona como cinema.

—O maestro Ernesto Halffter, que apresentou em Paris Antónia Mercê e em Lisboa Imperio Argentina, encontra-se temporariamente em Madrid para dirigir a partitura do filme «Bambu», de que é autor. O ilustre compositor há tempos que fixou residencia em Lisboa.

—Começaram hoje os ensaios da revista «A Bolacha Americana», de António Pôrto, Anibal Nazaré e Nelson de Barros, que vai ser representada no Apolo. A realização é de Piero.

—A organização da companhia de pretos que se projecta para um teatro que será montado na Feira de Palhavã, está dependente do «veredictum» da Inspecção dos Espectaculos.

—Segue amanhã para Coimbra a juntar-se á companhia Maria Matos, o actor Carlos Baptista.

—Ficou para melhor oportunidade a ída a Sevilha do grupo Verde Gaio, dirigido pelo bailarino Francis.

—Não é verdade, segundo nos informam que vá construir-se um teatro em Tondela. A noticia foi dada por um jornal local como «poisson d'Avril»...

—O actor Manuel Lereno assinou contrato com o Rádio Nacional de Madrid para onde segue em outubro.

A temporada de Primavera

no teatro Variedades

Outra modalidade vai apresentar, por agora, a temporada de Primavera do teatro Variedades, cuja inauguração se fará na quinta-feira, 12 do corrente, em boa inspiração de António de Macedo e sob a direcção de Erico Braga. Os espectaculos vão realizar-se em uma só sessão, com inicio ás 21 e 45. A razão desta modalidade consiste na circunstancia do programa ser sempre constituido por uma comedia em 3 actos e uma grande atracção em fim de festa. Do programa da inauguração com a comedia em 3 actos «O amôr não existe» consta também a actuação da grande bailarina Mari Paz. Essa Mari Paz, a maior revelação coreográfica que a Espanha nos envia como embaixatriz da sua arte maravilhosa—não quere apresentar-se em fugaz e ligeira demonstração do seu valor, o que aconteceria se tivesse para exibição os escassos minutos que ficam dos espectáculos realizados em duas sessões. Não. Mari Paz tem o desejo de se mostrar na plenitude da sua forma através da interpretação de vários numeros do seu repertorio. Só assim o publico pode ajuizar do seu temperamento de adaptação. Agora, que Lisboa em peso fique suspensa desta ansiedade. No dia 12, Estevam Amarante e Irene Isidro e um optimo elenco com Maria Salomé, Elvira Velez, Izabel de Carvalho, Luiz de Campos, Alberto Ghira, Barroso Lopes e Henrique Pereira vão interpretar «O amôr não existe», em adaptação de Ascensão Barbosa. A fechar o espectaculo Mari Paz—a grande novidade da Primavera. Com tal organização—e outras que se lhe hão-de seguir—Lisboa não deve invejar os luminosos «placards» do estrangeiro!

LISBOA EM FESTA

A estreia de «A Severa» hoje, no Coliseu, é um grande acontecimento teatral

O maestro Francisco Pallos que dirige a grande orquestra

Poucas palavras e estas só para informar os nossos leitores: Cantase, hoje, no Coliseu, essa maravilhosa opereta «A Severa» adaptada á cena lírica espanhola, pelos grandes escritores Frederico Romero e Fernandes Schaw da obra do eminente escritor dr. Julio Dantas e com musica do grande maestro Rafael Millan. A noite de hoje vai ficar memoravel nos registos teatrais portugueses, não só pelo valor da obra que se representa, mas ainda pela inspirada musica que acompanha essa obra e pelo valor dos artistas que a vão cantar. Carmina Alonso, que se estreia, será uma «Severa» ardente e sentimental; Calpe, o grande tenor será um Custódia que vai arrastar multidões com a sua linda voz; Manuel Abad, o Conde de Marialva, toureiro, valente, apaixonado será o encanto não só da «Severa» mas de todos os que o vão ouvir; Manuel Hernandez, o grande actor, será um Romão trapaceiro, alquilador e apaixonado como o escreveu Julio Dantas. O publico não precisa saber mais nada, porque o que êle deseja é esta noite ir ao Coliseu para ver, ouvir e aplaudir a grande obra e a sua linda e inspirada musica.

Lisboa dia a dia

UM ASPECTO do elegante Salão de Chá do «Café Minerva», avenida Almirante Reis, 138-142 e rua José Falcão, 38 a 42, momentos antes da sua inauguração, há dias, a que assistiram centenas de convidados da nossa primeira sociedade

Rádio Club Português

O habitual programa de «Musica da América» que Rádio Clube Português transmite tôdas as quartas-feiras, ás 21,30, é dedicado hoje á musica de teatro da América e á musica de «jazz».

A orquestra de Morton Gould, jovem compositor americano, preencherá parte do programa, com interpretações de musica popular americana, á qual se segue uma série de antigos e novos numeros de «jazz» pelas orquestras americanas mais populares.

VIDA OFICIAL

O «DIARIO DO GOVERNO» PUBLICOU HOJE:

Um decreto que fixa o quadro do pessoal civil do Hospital da Marinha e abre um credito para reforço de verba para remunerações.

Um decreto que autoriza a celebração do contrato por 690 contos, para obras de conclusão do edificio da Administração Florestal e outras dependencias, em Bragança.

Um decreto que determina que as instalações industriais de serração de madeiras com caracter movel fiquem sujeitas a licenciamento, nos termos do regulamento das industrias insalubres, incomodas, perigosas ou toxicas.

A lista da antiguidade do pessoal do quadro tecnico aduaneiro da Direcção Geral das Alfandegas.

Portaria que prorroga por mais 30 dias o prazo para conclusão do inquerito ás Policias de Investigação Criminal de Lisboa e do Porto, a cargo do juiz de Ourique, dr. Bernardes de Miranda.

Nasceu entre 1890 e 1900?

Se assim fôr já está na «meia idade», a altura de tomar certas precauções para conservar a sua saúde. Aqui tendes uma receita que deve ser seguida por todos os indivíduos de meia idade: — Tôdas as manhãs, meia hora antes do pequeno almôço, tomar uma pequena dose de Sais Kruschen em meio copo de água quente.

Kruschen é uma combinação de sais minerais que limpam o organismo activando os vários órgãos internos e compelindo-os a funcionarem regularmente o que evita os incómodos próprios da «meia idade». Experimente Kruschen durante um mês — far-lhe-á bem!

A venda em tôdas as farmácias a Esc. 17$00 e 10$50.

KRUSCHEN

AO CAVIAR

IMPERIAL

Será um acontecimento em Lisboa no **próximo sábado!**

ALGÉS

Na tabacaria do Café Avenida

(RESTAURADORES)

começa ámanhã a venda de bilhetes para a grandiosa corrida de DOMINGO

com 6 toiros de

Concha y Sierra

e 2 de

Claudio Moura

para

D. Alvaro Domecq

José Casimiro

Morenito de Talavera

e Andaluz

Violante

Mostra a sua colecção de modelos adquiridos nas melhores casas de Madrid e Barcelona, nos dias 5 e 6. Entrada por convites.

Rua Rodrigues Sampaio, 96, 2.º-D.

Taylor's Port

Agente e distribuidor no Centro e Sul do País:

A. Serra Campos Ferreira

Rua António Maria Cardoso, 27 — Lisboa **Telef. 28949**

TAYLOR'S PORTS

não são vinhos baratos...

são vinhos de categoria!...

Um maravilhoso espectáculo!!!
Uma verdadeira parada de artistas!!!
Atracções de categoria internacional!!!
Arte!!! Alegria!!! Boa música!!!
eis o que a
NOVA GERENCIA DO
CASABLANCA
apresenta
AMANHÃ EM ESTREIA!!!
—— Hoje, ás 22 horas ——
Ultimo espectáculo com
GABY UBILLA
PAKY Y POLY, Rosita de Espanha, Paloma Montesan, Hermanas Lopes, Mariana Chagas, Rafael de La Cruz, Maria da Esperança e José Valério.
ORQUESTRA INTERNACIONAL
ENTRADA: 5$00

Delão

Abrirá em breve a estação de verão apresentando nas suas montras, do Casino Estoril, Palace Hotel (Estoril) Cinema Tivoli e Hotel Flórida, a melhor e mais completa colecção de calças e casacos Sport para homem.

238—Rua Augusta—240

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
A's 21 e 30-3 actos, de Francisco Ventura
CASA DE PAIS...
com Samwel, R. Carvalho, L. Filipe, A. Figueiredo, Adelina Campos, M. Clementina, Maria José e M. Corte Real
e 1 acto, original de Carlos Selvagem
BALADA DO OUTONO
com Palmira Bastos, M. Clementina, Madalena Sotto, Gambôa e Laura Fernandes
Sábado, as 16 horas, tarde clássica, «A comédia nova dos maridos peraltas e das mulheres sagazes».

VARIEDADES 2 SESSÕES A's 20 e 30 e 22 e 45
A grandiosa revista popular:
O FADO DA MOURARIA
com **Amarante, Hermínia** e **Carmencita** à frente de uma grande Companhia
5.ª feira, 12: O «amor não existe»

MARIA VITORIA 2 SESSÕES às 20 e 30 e 23 horas
A gloriosa e engraçadissima opereta romântica de grande espectáculo
A Invasão
com **Mirita, Vasco, Armando Machado** e tôda a Companhia do Maria Vitória

APOLO Emp. António de Macedo
Telef. 2 8645
A's 20 e 45 e às 22 e 45
A linda opereta de grande êxito popular
O GAIATO DA RUA
com Irene Isidro, Costinha, Alfredo Ruas, Luisa Durão, Barroso Lopes, Maria Clara, Izabel de Carvalho, Elvira Velez, Luiz de Campos, Carlos Barros, etc.

PELES — MEIAS
ARTIGOS DE NOVIDADE
CASA PAIVA—R. do Ouro, 203

A PARTIR DE HOJE, O PÚBLICO TEM NO **GINÁSIO,** UMA OPERETA QUE LHE VAI AGRADAR PLENAMENTE!

REALIZAÇÃO de **WILLI FORST**

COM
WILLY FRITSCH
MARIA HOLST
THEO LINGEN
HANS MOSER
etc.

Música de STRAUSS

Sangue Vienense
WIEN FILM

São Luiz T. 27172—A's 21,30
4.ª e última semana
Madame Curie
com Greer Garson e Walter Pidgeon

POLITEAMA SIC TEL. 26305
Hoje, A's 21.30
CORSARIOS DAS NUVENS
com James Cagney, Brenda Marshall e Dennis Morgan

ODEON A's 21 e 30
PALACIO A's 21 e 30
3.ª semana
O fantasma da Opera
(em tecnicolor)
com Nelson Eddy e Susana Foster

Ginásio A's 21,30 T. 20556
ESTREIA
Sangue Vienense
Direcção de Mundial Filmes
com Maria Holst e Willy Fritsch

LYS Tel. 48560 As 21 e 15
500 noivos para uma loira
Sêda, sangue e sol

CENTRAL Tel. 24384
As 21 e 30 h.
O VENENO
Uma mentira sem importância

TIVOLI A's 21 e 15 TELEF. 50595
Desde que tu partistes...
com Claudette Colbert e Jennifer Jones

EDEN A's 21,30 Telef. 2 0768
2.ª semana
A PONTE DE S. LUIZ REY
com Lynn Bary, Akim Tamiroff e Francis Lederer
«Matinées» diárias

CONDES A's 21 e 30
8.ª semana
Um homem ás direitas
com Barreto Poeira, Julieta Castelo, Maria Matos, Milita Meirelles, etc.

CAPITOLIO Telef. 27493-A's 21 h.
No Salão e terraço
O amor não morre!
De braço dado

REX Telef. 29656 A's 21 e 15
Destroyer
Três raparigas na cidade

TERRASSE Tel. 20917 — A's 21 e 15
500 noivos para uma loira
Sêda, sangue e sol

CASINO ESTORIL
A festa dos idolos
com Mickey Rooney

UNIVERSAL GENÈVE
ALTA CATEGORIA
Relogios Invulgares

Filmagem TÔDAS AS 5.as-FEIRAS 5 TOSTÕES
SEMANÁRIO POPULAR

CRISTAL
BAR-DANCING — DA MODA —
Hoje, ás 23 horas
O ÊXITO DOS ÊXITOS! **MARIANA**
A bailarina que o publico aplaude tôdas as noites
OUTRAS ATRACÇÕES DE CATEGORIA INTERNACIONAL
E A Orquestra CRISTAL
DENTRO DE DIAS: DUAS ESTREIAS DE SENSAÇÃO!
MARY MERCHE y su BALLET de esculturais bailarinas
Quarteto CAMAGUEY Música e canções sul-americanas
DUAS ATRACÇÕES DE VERDADE!

ARCADIA
O DANCING N.º 1 DA CAPITAL
Apresenta, tôdas as noites, um grandioso conjunto de artistas, com:
LES MARQUE
Parelha de baile internacional
MARUJA HEREDIA
AS SETE DIABOLINAS
MERY-MELY
Grande sucesso da Orq. espanhola
OS VAGABUNDOS
e da Orquestra portuguesa
ARCADIA
OUTRAS ATRACÇÕES

TRINDADE A's 21 e 45
ULTIMA SEMANA
do grande êxito dos Comediantes de Lisboa
FANNY
com **Nascimento, Lucilia, Lalande, Hortense, Assis, Antonio Silva, Villaret**

RETIRO DOS MARIALVAS

A's 21 horas, grandioso espectaculo de fados e guitarradas, em homenagem á tão querida artista
MARCIA CONDESSA
em que colaboram: Alice Magina, Guiomar da Conceição, Adelaide Cardoso, Manuel dos Santos, Jacinto Pereira, Manuel Calixto, José Coelho, e outros artistas que graciosamente deram a sua adesão. ENTRADA — 2$50. *Amanhã,* meia final da NOITE DA POPULARIDADE.
Marcia Condessa

LUSO
PALACIO S. ROQUE
Trav. da Queimada, 8-A
A's 21 e 30

Cantam hoje os seguintes artistas: Ressurreição do Nascimento, Alice de Oliveira, a pequena artista Maria Fernanda, Augusto Pereira, Guilherme Janeiro e Julio Vieitas.
Acompanhamentos por Jaime Santos e Martinho d'Assunção.
Augusto Pereira

Casino Estoril
HOJE
CURADO RIBEIRO

BORDADOS
e ALTA COSTURA
Rua dos Sapateiros, 139, 3.º D.
Tel. 2 3754

O «Diario de Lisboa» vende-se em Albergaria-a-Velha, na casa de Alvaro Marques da Silva.

MIAMI
O MAIS ELEGANTE E ANIMADO DANCING DE LISBOA
APRESENTA A RAINHA DO BAILE FLAMENGO
LOLITA **BENAVENTE**
ACOMPANHADA À GUITARRA POR MANOLO BULERIAS
PYL Y MYL E SEU BALLET
Orquestra CARAVANA sob a direcção do maestro FRED TRINSHER
OUTRAS GRANDES ATRACÇÕES

CONCHA DANCING-BAR
HOJE E TODAS AS NOITES
ÊXITO TRIUNFANTE DA ESTREIA DE ONTEM
MARUJA CARRERES
ESTRÊLA DE BAILE DE GRANDE CLASSE
NO PROGRAMA: OUTRAS GRANDES ATRACÇÕES

O sorriso da França

Paris sofreu a guerra, a fome e o frio, mas não deixou de trabalhar. Eis como uma mecanógrafa, aquecendo as mãos num radiador, conseguiu manter a sua labuta.

VIDA citerária

O PRETO NO BRANCO

O apêgo à Vida

Foi isto na cêrca dum grande hospital de evacuados, numa cidade qualquer dum dos países em guerra. Havia muitos doentes, já em franca convalescença, que passeavam nas ruas assaibradas do jardim, gozando o sol do dia claro, o vago perfume de flores, a paz e a vida.

O grande professor, cirurgião, ortopedista, capaz de refazer a cara e o corpo de um homem com carne e a pele d'outros ou do mesmo—desde que fosse tirada doutro sitio onde fizesse menos falta—parou em frente do doente que era o seu orgulho, e a sua coroa de gloria. Tratava-se dum homem dos seus vinte e tal anos a quem faltava um braço, e que tinha em metade da cara uma expressão parada e estranha.

O mestre sorria, enlevado, olhando o doente com o orgulho dum entalhador em face duma obra prima saida das suas mãos. E exclamou com uma alegre emoção que não procurava esconder:

—Olhe que eu estou a vê-lo diante de mim e custa-me a acreditar... Em podendo usar o braço articulado ninguem dirá o que se conseguiu.

O doente fitou-o um momento em silencio e depois sorriu por sua vez, só com metade da cara. A outra metade ficara imovel como a duma figura de cera. E então o doente disse:

—Na verdade, professor, tambem me custa a acreditar que seja eu que lhe fale. E olhe que eu tenho mais razão do qualquer outro para saber que cerca de metade do que eu sou, não me pertence. A perna esquerda é de pau. A face do lado direito é de uma carne que não é minha. E todavia é nessa carne que eu sinto a impressão do novo olho que o senhor me deu em troca do outro a que eu estava habituado de pequeno e que tinha a particularidade de o não sentir e de ter vista. O professor é sem duvida um artista e o meu caso firma a sua gloria no mundo.

Orgulhoso, o mestre concordou:

—Na verdade foi uma ressurreição!

—Uma ressurreição e um «puzzle»—reforçou o mutilado. Porque, se por um lado o senhor se assemelha a Cristo que ressuscitou o Lazaro, por outro participa da arte de marceneiro que reconstitue um movel com pedacinhos de madeira, pacientemente grudados:... Lazaro «já cheirava», como diz o Evangelho mas, em compensação, quando me apanharam no terreno e me trouxeram em maca para as suas mãos, faltava-me em sangue, carne e osso, uma boa parte de mim mesmo que o senhor substituiu com pericia e arte. O que lá ficou, disperso sobre a terra, conto que me seja restituido no Juizo final.

O mestre riu e comentou:

—Você está de bom humor e isso completa a sua cura.

—Pois estou—concordou o outro—Como sabe a minha cidade natal já não existe, destruida por bombardeamentos sucessivos. Não me resta ninguem de familia por que lá me ficou toda a que tinha,—a mulher e os filhos, inclusive. Estou só no mundo. Só e reconstituido pela sua ciencia e pelo seu génio de escultor in vivo. Simplesmente, o professor já se lembrou de preguntar a si mesmo, o que é que Lazaro e eu pensariamos, depois dos nossos casos respectivos? Porque, não sei se sabe, que Lazaro teve de morrer outra vez e dessa, ao que parece, com caracter definitivo. E o mesmo me sucederá a mim, a não ser que outro homem celebre lhe apeteça, para demonstração do seu poder ou da sua ciencia, fazer-me «trizar» esse incidente particularmente desagradavel.

A mim, ao menos o que me valerá nas repetições, é que não sofrerei numa quarta parte do meu corpo que, como sabe, é postiça. Mas, não lhe parece que duas mortes excedem o racionamento individual que compete ao vulgar dos homens, nesse artigo de consumo inevitável

RAMADA CURTO

(Cont. na 9.ª pag.)

TEATRO NOVO

«O ATREVIDO»

de Redondo Junior

Neste fogo morto que é o Teatro português, irrompe, por vezes, uma chama alterosa que deslumbra com a instantaneidade de um relampago. O que a alimentou? Como pôde ela triunfar das cinzas, queimando-nos as mãos de aplausos e abrasando o espirito de um interêsse fascinante?

Redondo Junior é uma dessas chamas, que medindo alto a sua vocação, sem padrinhos, nem muletas, chegou, recentemente, ao teatro, desempenado e altivo, com uma peça que, audaciosamente, denominou «O Atrevido». Era a sua peça; mais, a peça da geração dos trinta anos, já para cá da sombra da outra guerra, iconoclasta, revolucionaria, saborosa e paradoxal, com um conteudo profundamente humano, subtilizado em parte pelo sorriso do «gavroche», que contempla o mundo, e diz mesmo: «o rei vai nu», se é assim que vai. O mais curioso é que Redondo Junior, sendo um jornalista de virtudes totais, é tambem um talento instintivo de teatro. Dir-se-ia mesmo que nasceu para isso, de tal maneira a estrutura da sua primeira comedia, se desenvolve, em rigorosa técnica, como a demonstração de um teorema. O seu «Atrevido», basilarmente teatro, será a via a seguir por ele e outros, se querem renovar o que se apresenta nos palcos, bom ou mau, mas muito agarrado a formalismos de escola. Redondo Junior com esta brilhante comedia que deu agora á estampa, como um texto de exame, representa o espirito de amanhã. O homem novo, o homem livre, que diz o que pensa, com tanto espirito, como independencia, em mangas de camisa, ou de casaca. Brilhante mocidade a sua, a estuar talento, que descobriu caminhos inéditos para recrear a fabula dramatica, numa antevisão do que ela tem de ser, se quiser, de facto, persistir. Redondo Junior introduziu, no teatro, um tipo novo, esse «atrevido», ironico, inconformista, cintilante de analise, que brinca com o amor como uma bola de sabão, sentimental a seu modo, mas com pudor de o mostrar e para quem a vida, os velhos idolos, as forças materiais, os preconceitos, tudo isso não poderá entravar o que há no homem de libertação e de sonho, de poesia e alegria. «O Atrevido» ficará como uma peça tipo, a marcar não apenas a personalidade de um belo talento teatral, a crescer em vigor, mas ainda como documento de uma epoca, surpreendida por dentro, no que ela esconde, e não no que aparenta, no que pensa, e não no que diz. Desta dualidade nasce o interêsse palpitante do tema que tanto pode ser uma tese, como uma crítica, se não uma fantasia. Seja o que fôr, é de uma verdade real e cortante.

Tendes aí um novo! Aproveitai-o. Como o «Deus lhe pague», de Joracy Camargo, «O Atrevido», de Redondo Junior, irá além do seu tempo. O teatro humano encontrou na peça, do autor português, uma das suas mais belas expressões, pelo menos, a mais avançada. «O Atrevido» é apresentado pelo sr. dr. Jorge Faria, num eloquente prefacio. A edição «Seculo» destaca-se pelo esmero grafico.

OS NOSSOS CONTOS

Feira de Ramos

por *Antunes da Silva*

Ainda a noite punha os restos do seu manto sobre a estrada, já Patracol saía da courela com um fueiro na mão a guiar o gado.

O dia, mais tarde, nascera de carepa: sol a romper por entre a negrura de duas nuvens longas. O vento que soprava no ermo levantava pó até para lá da ponte. A' roda do concelho no tamanho ondulado da Vargem, pela abertura dos montados saíam pastores assobiando a suinos, tendo á ilharga rafeiros corredores.

Na cidade, desde a vespera, ia um movimento grande. Os ciganos invadiam os cafés e os lugares publicos e punham-se a tagarelar, os olhos negros espiando o ambiente, as bocas rasgadas em riso constante.

Para a feira, propriamente, o tempo começava mau. A ventania tinha arredado as nuvens da manhã e o ceu azul transparecia na sua pura côr, convencendo os homens de que a chuva mais uma vez falhara. Aqui e ali faziam-se as primeiras transacções. Burros e cavalos, porcos e borregos. O recinto das barracas estendia-se num plaino em frente de S. Sebastião e ao lado do cemitério.

Distinguia-se que, em todas as vozes, havia cuidado no avaliar do mostruario. Os lavradores sirandavam pelos adjuntos e, de quando em vez, olhavam o firmamento.

— Ares de trovoada!...

O anónimo que falara assim apontava o horizonte a sorrir. Por um momento, as cabeças voltaram-se e só murmurios saíam dos peitos emocionados por aquela aparição.

Mais do que nunca, os homens que vinham á feira mostrar e oferecer a carne que a planicie nutrira tinham os olhos fixos nos parceiros. Eles sabiam, como bem dizia Patracol, que o futuro estava na chuva e não no luzir redondo das enxadas.

—Ehin!...

A' força de tanto animo, um cigano evitara, com uma estocada nas hastes dum touro, que êste crescesse para lá do pontão.

A feira é o resto que ficou doutras antigas companhias. E os homens sorriem mesmo para o vento que lhes anula os desejos. Têm a certeza de que vieram ali vencer o ultimo apêlo á lua santa. Olhando o horizonte, uma aventura mais horrivel lhes acode aos pensamentos: «ficarem de braços cruzados e a alma quieta, á espera que a chuva venha curar a terra».

Mas nem mesmo assim os cuidados são menores. Os homens pensam coisas que não podem fazer. Para lá dos montes, o ceu está listrado de negro. A mesma voz que falara da trovoada corre aos palanques do gado e fala para o ceu:

—Ainda hoje a chuva ha-de cair!...

Como de facto. Choveu, e muito, quando o vento parou. Mais alegres, os rostos assinalaram promessas de triunfo e as carteiras mostravam-se ao longo do plaino.

Patracol saiu á estrada a chamar um companheiro e os dois, na barraca das fôlhas de louro, copo meu, copo teu, singraram no principio da bebedeira. Quem os ouvisse falar, pasmava. As mesmas vozes que há pedaço saíam das gargantas presas ao futuro, rompiam agora das mesmas gargantas, libertas e ternas. Um moço que era pastor pulava de contente ao pé do homem das peles. O lavrador dissera: «se chover ganhas um prémio». Por isso o moço pula de contente. O patrão cumpria o prometido com uma das mãos espalmada nas costas do ajuda: — Escolhe uma samarra nova!

Da outra vez, vira na feira de S. Jacinto balões de todas as côres e cavalinhos de pau á roda dumas estacas. Aqui, não. Via homens falando com homens e a chuva que caía a dar-lhe pela mão do lavrador, o fato do seu oficio.

Patracol vendeu o gado a um sujeito de S. Jacinto. Apertava-se mais o parceiro na barraca das fôlhas de louro, gritando:

—E' tiezinho. Cá a gente....

Bebia e confessava:

—Quando saí da courela sempre disse que chovia ..

O outro á conversa do amigo abanava a cabeça:

—E' verdade...

Mas Patracol, quando bebia assim, queria mais barulho, cantigas como os ciganos, afoitezas no paganço.

—Agora quem paga sou eu!...

E a mão erguida, saudando o povo. E os olhos a rirem como o moço pastor que ganhara um prémio de samarra.

Engoliam o vinho, murmuravam uma cantiga e Patracol a continuar na freima:

—Quem paga sou eu, anh!...

O outro mostrava-se escandalizado e punha pontos nos ís:

—A gente não «semos» ricos, compadre, e, portanto, vamos dividir isto ás «ametades».

Patracol nunca concordava e respondia:

—Quando chove como hoje, não m'importo de dar a fortuna toda do meu trabalho á bela sociedade. E mais—quando chove como hoje, tenho a certeza que o trigo dá pão, que os homens são homens outra vez e que o Alentejo há-de salvar Portugal!

LER E ESCREVER

1 «Decadas», de João de Barros, vol. I, com selecção, prefacio e notas de Antonio Baião, na Colecção de Classicos Sá da Costa. Neste primeiro tomo, respigou-se da obra do famoso cronista os trechos descritivos da viagem de Vasco da Gama á India.

2 De Nihály Foldi, famoso escritor hungaro, agora traduzido pela Editorial Minerva, um dos seus melhores romances: «Anna Kádor». Trata-se de uma obra de projecção universal que, tardiamente, é vertida no nosso idioma.

3 Em tradução da poetisa Oliva Guerra, o «Apostolo», de Gerhart Hauptmann. E' alguma coisa de muito belo, escrito numa linguagem poetica, onde perpassa um penetrante sentimento cristão como os eflúvios da paz proxima.

4 «Guia do campista», de Chaves Mendes, indicações e conselhos sobre a vida ao ar livre. Com este livro utilissimo qualquer pode, sem aventuras de maior, tornar-se um autentico Robinson Crusoe. Editorial Minerva.

5 Gino Saviotti é um erudito professor italiano que nos deu agora um estudo primoroso sobre Santo António. Não se trata tanto da lenda e da historia, mas duma evocação feita por um artista, de grandes recursos literarios, que soube tocar de beleza o grande taumaturgo português. Tradução da poetisa Oliva Guerra.

CRÍTICA LITERÁRIA

O Socialismo na Monarquia — Oliveira Martins e a «Vida Nova»,

por F. A. OLIVEIRA MARTINS

I—A glória de Pinheiro Chagas

Tão pouco habituados estão os escritores portugueses a considerar a crítica uma actividade intelectual legítima que raros são aquêles que não consideram um dever vir a publico impugnar as opiniões que solicitaram, desde que essas opiniões desmanchem o juizo optimista que mantêm acêrca das suas próprias obras. Estamos perante um vício nacional tão doentio e arreigado como o fado. Não há outro remédio senão deixar gemer as guitarras... Mas, Deus nos valha!, estou vendo que tão pernicioso defeito não acaba com a tumba, persiste além da morte. Não tarda que os ódios que pesam hoje sôbre os críticos capazes de ter opiniões próprias acêrca das obras dos seus contemporaneos, espumem sôbre os historiadores da literatura, forçando-os a temperar as suas opiniões acêrca dos autores do passado na expectativa de que êles, de além do tumulo, levantem o seu protesto contra o juizo implacável da história. Espantoso país, onde não é possivel contestar o valor de uma obra sem que do próprio tumulo se levantem as vaidades humanas que nem a própria terra é capaz de comer!

O caso presente é frisante. Manuel Pinheiro Chagas, êsse Manuel Pinheiro Chagas para quem Flaubert era pouco menos que um imbecil e Antero de Quental um homem capaz de publicar as «Odes Modernas» e escrever um artigo a elogiar-se a si mesmo, Manuel Pinheiro Chagas, êsse Manuel Pinheiro Chagas que permita que Castilho emendasse os erros palmares de Camões ao mesmo tempo que se desvanecia com os tonitruantes adjectivos que êste dedicava á sua poesia—ergue-se da tumba, e, pela voz de um seu neto, protesta contra aquêle que ousou considerá-lo, cinquenta anos depois de morto, uma inteligencia mediocre. Já é preciso ter um grande amor ás vaidades terrenas!

Sim, António Feliciano de Castilho proclamou Pinheiro Chagas um génio poético, e considerou Antero uma espécie de Jerónimo Baía... Sim, para o «velho árcade», o «Poema da Mocidade» «era um livro em tudo novo», embora os seus versos fôssem de tal timbre que hoje ninguem os pode ler. Castilho estava caquético, tão caquético que, apresentando Pinheiro Chagas ao país como um génio das letras, o foi logo inculcando para professor do Curso Superior das mesmas..., o que fêz dizer a Ramalho Ortigão que tal requerimento era mais próprio para ser lançado na caixa da secretaria competente que para figurar na apresentação de um livro de versos, acrescentando, em face dos desmedidos ditirambos do «árcade póstumo», como lhe chamou Eça de Queiroz: «isto não se pode tomar a sério. O sr. Castilho estava certamente zombando quando tal disse». Aliás, tão mediocre eram os versos de Pinheiro Chagas que a própria história literária o não conta entre os poetas portugueses de categoria. Tão mediocre eram os seus romances que entre os grandes romancistas portugueses não figura o seu nome, tão pueril era o seu teatro, que a história literária o não considera um dramaturgo... tão convencional era a sua história que de nenhuma autoridade se reveste como historiador. E' certo que gozou em vida de uma glória que nem de longe bafejou Camões, Antero, João de Deus ou Eça de Queiroz—mas tal glória não lhe regatearei eu. Pelo contrário: tenho sido o primeiro a patenteá-la. Tudo está em saber qual o valor a atribuir á especie de glória que coroou Pinheiro Chagas. E' certo que os seus romances ainda hoje se vendem por milhares... Resta inquirir qual o significado dessa popularidade.

II—A glória e a mediocridade

Popularidade e glória quantos mediocres as têm conhecido! De facto, Pinheiro Chagas foi jornalista brilhante, foi orador afamado, foi Ministro, foi membro da Academia, foi professor da Faculdade de Letras, aliás Curso Superior de Letras, e foi muito mais coisas: director de companhias, conselheiro de Estado, parlamentar, membro de juris, etc., etc. Ninguem contestará factos tão proeminentes. Não serei eu quem os conteste. Simplesmente, tais factos são inteiramente destituidos de prestigio aos olhos daqueles que admiram os homens pelas suas qualidades, não pelas benesses que êles conquistam, sabendo-se, como se sabe, que as academias, as universidades, o jornalismo, a tribuna, o parlamento, os ministérios, as companhias... nem sempre transbordam de talentos além da mediocridade. Ai dêles, se quisessemos alicerçar o valor de Camões, de Bocage, de Antero, de João de Deus, de Camilo, de Eça de Queiroz ou mesmo de Oliveira Martins pelos lugares proeminentes que ocuparam nas academias, nas universidades, no jornalismo, na tribuna, no parlamento, nos ministérios ou á frente de companhias... Realmente, para atingir tão altas esferas da vida social, não é a superioridade intelectual que acredita os homens. Se assim fôsse, teriamos de rever toda a história da literatura e do pensamento humano, sacudindo dela os nomes que nela figuram injustamente, pois nunca foram académicos, ministros, parlamentares, professores universitários ou directores de companhias, para nela repor todos aquêles que neste mundo ocuparam tão altos cargos.

Claro está que Pinheiro Chagas era um homem brilhante, claro está que era um homem «importante»—ninguem lhe contesta a inteligência e a maleabilidade. A mediocridade é relativa. Quando se diz que o autor do «Poema da Mocidade» era um mediocre, falando de Eça de Queiroz, não se pretende arrumar Pinheiro Chagas entre os estupidos: dá-se-lhe apenas o seu lugar entre os «maiores». Ao pé dos grandes, Pinheiro Chagas é um mediocre, —em que pese aos seus admiradores, aos seus émulos e aos seus zelosos parentes. Isto não impede que os seus romances se vendam ainda hoje aos milhares. Aos milhares se vendem os romances de Campos Junior e nunca ninguem se lembrou de vir contestar a mediocridade de Campos Junior como escritor. E' preciso que estas coisas se compreendam de uma vez para sempre. A grandeza do espirito humano não se mede pela popularidade ou pela glória terrena. Se há quem pense que os homens como Pinheiro Chagas têm na vida o seu papel, não serei eu quem os desiluda. Evidentemente que na vida tudo tem o seu papel —até o que não presta para nada. O que de modo algum se não pode permitir, sob pena de uma inversão de valores total, é que o mérito dos homens se aquilate pela posição que êles conquistam no mundo. Ai da nação que se não orgulhe acima de tudo daqueles homens e daquelas obras que não tendo conquistado nunca o prémio das instituições conservam na sua altiva independência o germe da suprema grandeza humana: a mensagem da verdade.

III—A arte e a política

Através do valioso livro que F. A. Oliveira Martins acaba de publicar, *O Socialismo na Monarquia—Oliveira Martins e a Vida Nova* (Parceria António Maria Pereira), pode ver-se perfeitamente quão pouco significam certas dignidades oficiais. Oliveira Martins não colheu em vida metade das glórias que coroaram Pinheiro Chagas. Nem foi orador, nem académico, nem professor da Universidade. Como jornalista nunca gozou da fama do autor da *Morgadinha*, como deputado só causou engulhos no Parlamento, como ministro—foi um indesejável. Pobre homem! Vai celebrar-se-lhe o centenário e não sabe a gente que há-de dizer para o glorificar.

Houve um momento em que o próprio autor da *História da civilização Ibérica* vacilou na sua fé de intelectual. Abandonou o silêncio do seu gabinete de trabalho e lançou-se na vida politica. Tal passo não foi dado, todavia, na ansia do triunfo. Um imperativo de consciência—ilusório, talvez—o levou ao parlamento e ao Terreiro do Paço. Emquanto Eça de Queiroz orgulhosamente dizia, aos quarenta anos, que não ambicionava ser ministro, porque a sua vaidade o não deixava descer a tanto, Oliveira Martins, impulsionado por um desejo de resgate nacional, deixa-se conduzir até ao seio de um partido, onde o esperavam as traiçõezinhas dos espertos, dos habeis, dos triunfadores mediocres. F. A. Oliveira Martins historía com grande cópia de documentos a triste aventura politica do grande escritor.

Já no seu livro *D. Carlos e os «Vencidos da Vida»*, F. A. Oliveira Martins tinha trazido valiosos elementos para a história dêsse período tão singularmente interessante da nossa história politico-literária. De facto, a formação do grupo da *Vida Nova*, nucleo politico inspirado por Oliveira Martins, de que faziam parte os mais intelectuais dos politicos de então, e que alguns dos mais valiosos escritores da época olharam com simpatia, foi até há pouco insuficientemente conhecida. Graças ao diário da *Vida Nova*, manuscrito inédito de Luiz de Magalhães, discípulo de Oliveira Martins e seu partidário, pôde o autor de *O Socialismo na Monarquia* fazer luz sôbre êsse curioso «partido». E' certo que a *Vida Nova* não era um partido; era, antes, uma *élite* dentro de um partido. Em todo o caso, foi talvez mesmo por lhe pressentirem uma grande coesão de ideias e de fins que a gente de *Vida Nova* encontrou á sua volta, dentro do seu próprio partido, tão traiçoeiras oposições. Oliveira Martins sabia muito bem o que queria, e queria com independência e nobreza. Eis o que não quadrava aos outros politicos. Era preciso transigir com os seus processos para fazer carreira. Oliveira Martins, homem superior, consciência impoluta, inteligência lucida, não quis. A sua falência estava ditada.

E' curioso como a acção politica embriaga. F. A. Oliveira Martins consagra algumas páginas do seu trabalho á reacção que no historiador provocaram as palavras que Eça de Queiroz escreveu em 1886 acêrca da arte e da politica no prefácio dos *Azulejos* do conde de Arnoso. Havia dois anos que Oliveira Martins se dicidira a ingressar no partido Progressista. Estava então no apogeu das suas ilusões politicas. Ao ler, por isso, o que Eça de Queiroz escrevia sôbre a eternidade da arte e o efémero da vida politica, sentiu-se atingido no mais veemente dos seus entusiasmos. Daí o artigo que publicou na *Província*, jornal que dirigia no Porto. Guerra Junqueiro, então em Viana do Castelo, vibrou com o desforço do historiador. O unico que se manteve indiferente foi o próprio Eça de Queiroz. Teria ele conhecido o artigo de Oliveira Martins? Se o conheceu, não lhe replicou, e se lhe não replicou, por outras razões o fez, que não pelas razões que F. A. Oliveira Martins alega: o facto de ter reconhecido que a pena o levara longe de mais. Não. Eça de Queiroz não foi longe de mais. Eça de Queiroz tinha razão. Os factos o comprovam. Não só a passagem de Oliveira Martins pela vida publica não acrescentou absolutamente nada á sua glória, como nada ficou da sua acção politica. Aliás, o artigo que êle escreveu na *Província* era injusto. Eça de Queiroz tinha afirmado, realmente, «que a Arte é tudo porque só ela tem a duração—e tudo o resto é nada», mas na palavra Arte englobava tôdas as artes. Oliveira Martins não interpretou assim. E preguntava: «Com que então só a arte literária é tudo?» Eça de Queiroz fôra muito mais amplo. E a sua fé na arte era tanto ou tão pouco valiosa, que, se hoje celebramos a glória de Oliveira Martins, não é pelo que dêle sabemos como politico, mas pelo que dêle conhecemos como escritor—como artista.

E' êste um dos aspectos que seria curioso vêr tratado nêste ano do centenário: o valor estético da obra de Oliveira Martins. Através dêsse estudo se poderia chegar a compreender, talvez, como o mais grave prejuizo da obra do grande escritor foi exactamente êle não se ter dado conta de que era sobretudo um artista. E' verdade que Antero acompanhou com simpatia a sua intervenção na vida política; é certo que Eça de Queiroz, depois de alguma hesitação, o aplaudiu. A verdade, porém, é que emquanto Oliveira Martins se deixava queimar no Parlamento e no Terreiro do Paço, sacrificando alguns anos de vida a uma actividade que o tornava inapto para o estudo e para a criação, Eça de Queiroz conservava-se inalterávelmente artista e escrevia, longe «dêsse brilho de lantejoulas» que era para êle a política, as suas obras derradeiras. E assim, político, Oliveira Martins, como proféticamente afirmava o romancista, nada seria hoje se não fôssem as obras de arte literária que são a sua *História de Portugal*, a sua *História da Republica Romana* ou a sua *História da Civilização Ibérica;* assim político, Antero teria esquecido, se não fôssem os seus *Sonetos;* assim, político, Guerra Junqueiro seria olvidado se não fôssem os seus *Simples*. Aliás, os próprios políticos só têm realidade através das obras que realizam: e essas obras não colhem eternidade fora das páginas da história, obra de arte para todos os efeitos.

O trabalho de F. A. Oliveira Martins tem, entre outros, o mérito de nos fazer compreender isto mesmo: que para sabermos hoje que Oliveira Martins foi um político de nobres intenções malévolamente derrotado pelos políticos profissionais é preciso escrever um livro. Quere dizer: Eça de Queiroz tinha razão quando escrevia: «Podes-me tu dizer quem eram os ministros do Império em 1856, há apenas trinta anos, quando Gustavo Flaubert escrevia *Madame Bovary?* Para o saber precisas de desenterrar e esgravatar com repugnancia velhos jornais bolorentos: e achados os nomes nunca verdadeiramente poderás diferençar com nitidez o sujeito Baroche do sujeito Troplong: mas de *Madame Bovary*, sabes a vida tôda, e as paixões e os tédios, e a cadelinha que a seguia, e o vestido que punha quando partia á quinta-feira, na *Hirondelle*, para ir encontrar Léon a Rouen!».

JOÃO GASPAR SIMÕES

T. S. F.

Reparações em toda a classe de receptores por muito difíceis que sejam, executam-se na bem conhecida

ELECTRO-LISBOA, L.DA

Basta telefonar e, sem mais incómodos, V. Ex.ª receberá o seu Rádio devidamente afinado

ORÇAMENTOS GRATIS

246, 248, RUA AUGUSTA — Tel 20568

A SAIR O 1.º FASCICULO DENTRO DE DIAS:

Cardeal Cerejeira

PATRIARCA DE LISBOA

por MOREIRA DAS NEVES

Obra monumental em 15 fasciculos de luxuosa apresentação. No primeiro fasciculo dá-se inicio ao catálogo de todos os Bispos de Lisboa. Magnificas reproduções em rotogravura. Em «hors texte» dá-se o pormenor do painel de Nuno Gonçalves.

Saida regular de 8 a 15 de cada mês

Ainda se aceitam as ultimas assinaturas. Tiragem limitada aos assinantes.

Preço do fasciculo ... ... 15$00
Obra completa paga adiantadamente ... ... 200$00

Pedidos á Rua Conde de Redondo, 121, 1.º Dt.º Lisboa

ACABA DE APARECER:

A REVOLTA!

As grandezas e as misérias do continente negro descritas por quem as «sentiu»:

FAUSTO DUARTE

o feliz autor de «AUÁ»

Um romance de sensação que é um valioso depoimento

Prémio da literatura colonial

Preço 15$00

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Edição da Livraria LATINA Editora

R. Santa Catarina, n.º 2-10—Porto

ECOS

A soberba levanta altas torres, mas sem alicerces. Esta guerra iniciada sob a influencia megalomanica de certas «idéias» obedecia a esta sugestão:

«Vence com poderes, que o êxito tudo desculpa, justifica e absolve».

A vitória não segue os ambiciosos sem escrupulos. Nem tudo se reduz a pó. A justiça é uma invencivel realidade. A consciência humana outra.

Porque não existe a cidade dos ladrões e dos assassinos?

E' que o crime não constroe, mas destroe. A maldade gera monstros e não virtudes sociais.

Que seria da pobre humanidade, se não houvesse a favor dela principios que são leis eternas?

E' fácil esmagar e oprimir, por dado tempo... Os acontecimentos, porém, não obedecem ao acaso, antes a [illegible] profunda que obriga Cesar [illegible]

Os soberbos, na sua espantosa e ostentosa cegueira, esquecem-se disto e por isso provocam guerras e carnificinas, sem se lembrarem de que cavam a sua própria ruina.

■

Sim ou não, será adiada a Conferencia de S. Francisco? As ultimas noticias, vindas dos Estados Unidos, parecem indicar que, como fôra designado, a sua abertura será, no dia 25 de abril corrente. Verdadeiro trabalho de Hercules, se tal se der.

O acontecimento é de tanta importancia e grandeza que se torna necessario prepará-lo sem precipitações.

Depois do que se tem passado nos ultimos anos, a grande conferencia reveste as proporções dum acontecimento sem par. E' preferivel, talvez, retardá-la um pouco, a-fim de que seja realmente o «anunciação» da paz.

■

Paul Teyssier, no livro que recentemente publicou, intitulado «E Ressurgiu das Trevas...», ocupa-se da França, do seu colapso e do seu despertar.

—Certamente, diz ele, a França reduzida só ás suas fôrças nunca teria podido reerguer-se tão depressa, depois da catastrofe de 1940. O concurso dos seus aliados foi-lhe essencial e vital, e os aplausos de Paris não bastam para pagar a divida que contraiu para com eles. Mas a parte que a França tomou na sua propria libertação nem por isso deixa de ser fundamental, e foi dela propria que partiu o impulso que lhe assegurou a ressurreição.

Neste rapido trecho, põe-se ponto nas oscilações da opinião acerca da debatida pregunta:

Quem salvou a França? Foram os aliados ou os patriotas em armas?

Os dois elementos de vitoria conjugaram-se para o esforço supremo—um dos «milagres» desta guerra. O general De Gaulle conseguiu ser o traço de união. O êxito coroou a sua obra que algumas vezes teve de vencer dificuldades reputadas insuperaveis.

■

O generalissimo Franco convida os estrangeiros a visitar a Espanha, a-fim de a conhecerem tal como ela é e não segundo versões mal intencionadas. Cremos ser esta uma maneira de desfazer boatos a de travar atoardas.

A Espanha carece principalmente de ser vista para ser admirada.

E concordamos que há nela muito que entender, de modo que as reflexões predominem sobre as precipitações. Os problemas retintamente espanhois, tanto os politicos como os sociais, não demandam visão rapida, mas sim demorada e atenta.

■

A conferencia sobre «Serviços Florestais» que o sr. José Mateus de Almeida de Mendia, director geral dos Servicos Florestais, realizou esta tarde na Sociedade de Ciencias Agronomicas, faz parte da serie organizada pelo Ministerio da Economia.

■

António de Certima publicou «Vida Voluptuosa»—colecção de contos e novelas. Brevemente nos referiremos a este livro notavel em que palpita um sôpro de intensa modernidade que se concilia perfeitamente com o cuidado da forma, a força do estilo e o doce prazer de imaginar e sentir.

■

Passando hoje o 15.º aniversario do «Diario da Manhã», felicitamo-lo cordialmente na pessoa do seu ilustre director, dr. Manuel Murias, e na do seu corpo redactorial.

A amizade peninsular
—segundo declarações de António Ferro
a um jornal espanhol

MADRID, 4—Antonio Ferro, director do Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular de Portugal, que se encontra em Madrid, concedeu uma entrevista ao jornal «Arriba».

Declarou que a sua impressão da Espanha é de «serenidade, honra e consciencia nacional diante do futuro e seus perigos». Acrescentou: «O povo espanhol está demonstrando que sabe traçar-se a si próprio o seu destino».

Antonio Ferro disse ainda: «A minha verdadeira missão é continuar o trabalho empreendido nos ultimos anos dando-lhe mais uma vez a conveniente continuidade, porque entre Portugal e a Espanha nem um só dia se deve interromper esta magnifica colaboração. Uma vez principiada esta obra de entendimento entre espanhois e portugueses, havemos de procurar todos os meios de remediar o mal causado por tantos anos de incompreensão, indiferença e, até mesmo, em certas horas, de desconfiança. Esses males existiram outrora entre os dois países irmãos. A maneira mais sólida de manter esse entendimento é intensificar o intercambio cultural».

Declarou ainda que estava satisfeito com o trabalho realizado e disse: «Creio que os nossos objectivos, de amizade e compreensão, alcançaram o seu fim».

Anunciou que Portugal participará este ano, pela primeira vez, na Feira do Livro a realizar em Madrid.—(R.).

A conferência dos Dominios
em Londres

LONDRES, 4—Começam hoje as conferências dos representantes da Grã-Bretanha, da India e dos Dominios, com excepção do Eire. O objectivo é discutir os problemas de interêsse comum que surgiram com as propostas para a organização da segurança mundial e que serão consideradas pelos representantes das Nações Unidas na conferência de S. Francisco.—(R.).

A actividade de Wavel

LONDRES, 4—Provocam vivo interêsse as conferências que lord Wawel, vice-rei da India, tem tido desde a sua chegada a Londres há 15 dias. Wavel teve uma longa conferência com Churchill e avistou-se repetidas vezes com o Secretario de Estado da India, Amery. Espera-se que tenha mais tarde uma conferência com o Gabinete de Guerra. Sabe-se que todas estas conversações têm versado tanto sôbre os novos problemas económicos e administrativos que a intensificação da guerra contra o Japão virá trazer á India, como ao futuro politico daquele país.—(R.).

Os comunica
Comunicado de Eisenhower

PARIS, 4.—O comunicado de hoje do S. Q. G. A. anuncia que a cidade de Munster foi limpa de fôrças alemãs e que foi ocupada a de Aschaffenburg. Ao norte de Nijmegen, uma grande extensão entre os rios Waal e Neder Rijn foi limpa de fôrças alemãs até Loche, no nordeste. As tropas aliadas atravessaram o rio Werre, ao sul de Herford. No lado norte da bolsa de resistência do Ruhr, fôrças aliadas atravessaram o Canal Lippe-Seiten e combatem nos arrabaldes de Hamm. O comunicado também diz que foram ocupadas Warburg e Siegen e que continua a combater-se em Cassel. Outras fôrças aliadas atravessaram o rio Sieg, a 16 quilómetros ao norte de Siegen e entraram em Wurtzburg. Realizou-se outra travessia do mesmo rio, a uns 12 quilómetros ao sul, conseguindo os Aliados um avanço de cêrca de quatro quilómetros. Foi aprisionado mais um general alemão que se encontrava doente num hospital. As tropas aliadas fizeram na segunda-feira 27.771 prisioneiros.

Os caças bombardeiros dos Aliados atacaram transportes em caminhos de ferro e estradas numa extensa área desde Amersfoort, na Holanda até Bremen, na Alemanha.—(R.).

Comunicado alemão

G. Q. G. DO FUEHRER, 4.—Comunicado do Supremo Comando: «Na parte sul da frente leste, a pressão do inimigo mantem-se, entre o Drava e o alto Raab. Ao sul de Viena, os sovietes, que tinham penetrado para além de Baden, foram contidos pelas nossas tropas, que travaram encarniçados combates com o inimigo e lhe destruiram grande numero de carros blindados. Entre o Neusiedler See e o Danubio, assim como na cintura de defesa da Presburgo, foram contidos ataques muito violentos dos bolchevistas, após ganhos de terreno iniciais.

Nos Pequenos Cárpatos e nos dois lados de Waag, os bolchevistas conseguiram que as nossas linhas recuassem nalguns pontos, mas noutros foram repelidos.

Na Alta Silésia, as nossas divisões frustraram as tentativas de perfuração do inimigo, entre Loslau e Jaegersdorf. O adversário continua a realizar ataques, alimentados com fôrças consideráveis, contra a fortaleza de Breslau.

Na ala ocidental da frente, os sovietes, que tinham constituido uma bolsa, foram paralisados, depois de duros combates. No lado ocidental da baía de Dantzig, as tropas alemãs continuam a travar renhidas lutas, para repelirem ataques violentos e continuos do inimigo, na Oxhoefter Kaempfe e na região oeste da depressão do Vistula.

A noroeste de Doblen, malograram-se novos ataques dos bolchevistas.

A oeste, os ingleses repeliram os nossos postos de vanguarda, nos dois lados de Arnhem, depois de duros combates, na margem norte do Waal. Junto do Issel, bem como entre Hengelo e os contrafortes nord-ocidentais do Teutoburgerwald, o inimigo executa violentos ataques, aos quais ripostamos com contra-investidas.

A noroeste de Burgsteinfurt, granadeiros blindados alemães penetraram profundamente no flanco do adversario e destruiram-lhe um grupo blindado. Ferem-se combates nas ruas de Rheine e de Osnabruck. Pontas blindadas ultrapassaram Herford e progrediram em direcção á zona de Bad Oeynhausen, emquanto a guarnição de Munster continua a opôr renhida desistência ao inimigo.

No Sieg, as nossas tropas repeliram numerosos ataques e colmataram algumas perfurações locais. Os americanos, que atacam na re-

O NOVO ROMANCE
de Metzner Leone
«Aconteceu assim...»

Metzner Leone

A «Livraria Popular» lançou no mercado o mais recente trabalho do romancista Metzner Leone, intitulado *Aconteceu assim...* Trata-se de um romance diferente de todos os anteriores que este autor publicou, muito embora seja, como aqueles, a efabulação movimentada de um caso retintamente lisboeta. Os personagens e a acção merecem a Metzner Leone uma atenção cuidada, meticulosa no doseamento dos pormenores, e de que resulta ser a leitura sempre atraente, da primeira á ultima pagina. Abordar, sob um aspecto aparentemente frivolo, assuntos sérios que têm projecção e são factores na vida social dos nossos dias, constitue o segredo deste romancista e uma das razões principais do seu êxito. Por outro lado, a verdade flagrante dos seus tipos e a verosimilhança dos seus argumentos são outras tantas razões para que o grande publico continue a fazer dele um dos mais lidos romancistas da actualidade.

Aconteceu assim... é a historia de um casamento que, como tantos, estava errado; e os erros em amor pagam-se com lágrimas—e constituem sempre um motivo que atrai o interesse do publico.

Esta primeira edição vem cuidadosamente apresentada, e, além de uma sugestiva capa, insere um curiosissimo prefácio do autor que, desde há cêrca de um ano, está evidenciando brilhantemente as extraordinarias possibilidades do seu espirito criador.

Casou-se hoje
o ministro da Economia
sr. dr. Luiz Supico Pinto

Na residência do sr. dr. Manuel António do Casal Ribeiro de Carvalho, administrador do Banco de Portugal e director da companhia de seguros «Royal Exchange», realizou-se hoje, em capela armada expressamente, o casamento de sua filha, sr.ª D. Cecilia do Casal Ribeiro de Carvalho, com o sr. dr. Luiz Supico Pinto, ministro da Economia.

Assistiram cêrca de 350 convidados, entre os quais se viam os srs. ministros da Educação Nacional, das Finanças e das Obras Publicas e Comunicações, subsecretários de Estado da Agricultura, das Comunicações e das Corporações e Previdência Social, director da Faculdade de Direito de Lisboa, embaixadores de Portugal em Madrid e de Espanha em Lisboa, e numerosas entidades em destaque na sociedade e nos meios bancários e seguradores.

Foi celebrante o padre franciscano Augusto de Araujo e assistiram também o cónego Alberto, prior da freguesia dos Mártires.

No final, foi servido aos convidados um «copo de água».

Bem ama quem não esquece

A sua noiva ficará encantada se lhe oferecer uma prenda da

Grande Ourivesaria da Moda

257, Rua da Prata, (Esq. de Santa Justa).

IMPERIUM SALÃO DE CHÁ

TANCHES·BANQUETES·ALMOÇOS·JANTARES

Rua S. Justa 105 - T 27527

AO **CAVIAR**

IMPERIAL

Será um acontecimento em Lisboa no **próximo sábado!**

ARMAZENS S.

R. S.TA JUSTA, 10

Começa hoje, 4.ª a feira, l

cia dêste importante

Modas, composta

dões e veludos, po

ramo diferente.

Excelente ocasiã

aproveitar de c

dos de guerra

gião dos montes Rothaar, apenas conseguiram ocupar quantidade ínfima de terreno.

Na Turingia, as nossas guarnições defendem Eisenach e Meiningen. Ultrapassando estas localidades, fôrças adversas penetraram até a região de Gotha e de Suhl.

Também, na parte oriental do Spessart e no Meno, nos dois lados de Wurzburg, a defesa se consolidou. Ao sul de Oxenfurt, foi repelido um pequeno grupo de elementos blindados. A oeste de Wimpfen-no-Neckar, o inimigo recuou, ante os assaltos dos nossos caçadores alpinos. Na planicie do Reno, a sudoeste de Bruchsal, foram contidos, pelo fogo da defesa, ataques inimigos.

Na peninsula italiana, entre o Adriático e o lago Comacchio, as nossas posições, depois de fortes ataques adversos recuaram alguns quilómetros, em direcção ao canal de Porto Garibaldi.

Unidades de bombardeiros anglo-americanos atacaram, ontem, localidades situadas ao norte e no centro da Alemanha. As bombas causaram estragos particularmente graves na cidade de Kiel. Durante a noite, a aglomeração berlinense foi alvo de ataques britanicos».—(D. N. B.).

Os patriotas italianos

esperam, para breve, a libertação do norte da Itália

ZURICH, 4—Depois da noticia do desembarque de tropas aliadas na costa do Adriatico, ao norte de Ravena, os patriotas italianos das provincias do norte iniciaram imediatamente numerosos ataques de surpresa aos alemães. Parece que contam com a libertação para muito breve. Os patriotas atacaram quarteis de alemães em Milão, dominando as sentinelas, e apoderaram-se de centenas de espingardas e armas automáticas. A fronteira italo-suiça em Chiasso, será encerrada amanhã e tudo leva a crer que se vão passar acontecimentos dramáticos no norte da Italia.—(Reuter).

O desembarque do 8.º Exército

Q. G. AVANÇADO, NO MEDITERRANEO, 4.—O comunicado aliado de hoje anuncia que o 8.º Exército limpou as restantes «bolsas» de resistência no banco de areia de Comacchio, ao longo da costa do Adriático, continuando as operações de patrulha no resto da frente. Aviões aliados atacaram os movimentos alemães, no norte da Jugoslávia e sul da Austria. Bombardeiros atacaram depósitos de abastecimento, fábricas e vias férreas, no vale central do Pó.—(Reuter).

Os actos de sabotagem ná Holandá

LONDRES, 4—(Do Charles Lynch, correspondente da Reuter junto do 1.º Exército Canadiano na Holanda)—Patriotas holandeses estão a realizar uma campanhra de sabotagem, a-fim de evitar que os alemães lancem contra a Inglaterra as suas ultimas bombas voadoras. O abastecimento destes engenhos cessou, mas os alemães ainda dispõem de algumas pequenas reservas destas armas que estão guardadas a bom recato em pontos da Holanda central e ocidental.—(Reuter).

TA **JUSTA, L.DA**

5-A — (Vulgo Escadinhas)

iquidação de tôdaa existên-
estabelecimento de
de sedas, lãs, algo-
r ter sido trespassado para

o que todos devem
omprar barato!!!

Há cinco dias

que não caem bombas voadoras

na Grã-Bretanha

LONDRES, 4.—Há cinco dias que não caem bombas voadoras sôbre o sul da Inglaterra. O ultimo comunicado do Ministério da Aeronáutica anunciando um ataque dêsses engenhos é de Sexta-Feira Santa.—(R.).

Um relatório do govêrno inglês sôbre os ataques das bombas voadoras

LONDRES, 4.—O govêrno britanico está a preparar um relatório completo sôbre a «V-2» contendo tôda a história secreta das provações a que foi submetida a Grã-Bretanha por êsse tipo de bombardeamento.

Será dado a conhecer logo que o Gabinete de Guerra pense que os ataques de bombas voadoras contra a Grã-Bretanha se não poderão renovar. «O relatório, diz essa informação, deve aparecer relativamente dentro de pouco tempo. Grande parte do seu conteudo será de natureza sensacional. O relatório seguirá as linhas da história da ofensiva da bomba voadora, mas há muita coisa a dizer de novo. As perspectivas de aparecimento do relatório em breve tempo aumentaram ontem, quando o sul da Inglaterra esteve livre dos ataques das bombas voadoras pelo quinto dia consecutivo. A tomada de Nordhorn, a 80 quilómetros a leste de Zuider Zee cortou a ultima estrada de abastecimentos directa para as bombas voadoras e não é mesmo provável que os alemães tenham grandes «stocks» de bombas na Holanda».—(Reuter).

A' hora de fechar

Os franceses

entraram em Karlsruhe

LONDRES, 4.—A rádio de Paris citou hoje uma comunicação oficial francesa que diz que as tropas francesas entraram em Karlsruh, importante centro de comunicações alemão no Médio Reno, 64 quilómetros a noroeste da grande cidade de Stuttgart—(R.).

O avanço canadiano na Holanda

JUNTO DO EXÉRCITO CANADIANO, 4—As tropas canadianas que se encontram para além do canal de Twenthe, no norte da Holanda, ampliaram as suas testas de ponte e entraram na cidade de Zutphen, junto ao Issel, 27 quilómetros a nordeste de Arnhem.—(Reuter).

Três aviões alemães

aterraram na Suécia

ESTOCOLMO, 4.—Aterraram hoje em Ystad, no sul da Suécia, três aviões alemães. Trata-se de aparelhos militares «Fieseler» «Storch», especialmente construidos para vôos baixos e lentos e utilizados em especial pelo Exército alemão para vôos de reconhecimento e ligação.—(R.).

«Jornal do Comércio»

O nosso prezado colega «Jornal do Comércio» começou a publicar normalmente uma edição da noite, que se apresenta bem redigida. Desejamos-lhe as maiores prosperidades.

DANUBIO

CAFÉ-RESTAURANTE

ALMOÇO DO DIA 5

Acepipes variados — Filetes de linguado à marinheira — Rijões à minhota

Aven. Almirante Reis, 236-C--Telef. 46888

Os esforços do sr. Stettinius

O actual secretario de Estado para os Negocios Estrangeiros nos Estados Unidos não é um diplomata de carreira. Se alguem, no começo desta guerra, e mesmo quando ela pôs directamente em causa o futuro do seu pais, lhe dissesse que êle viria um dia a assumir a responsabilidade de dirigir a politica externa norte-americana, não deixaria certamente de lhe causar uma surpresa justificada. A tradição da sua familia, a sua enorme fortuna pessoal e as tendências predominantes do seu espirito tinham-lhe dado um lugar proeminente no mundo dos negocios. Aos quarenta anos, o sr. Stettinius presidia ao Conselho de Administração da General Motors. Esta situação, invejavel sob o ponto de vista da influência pessoal e dos beneficios materiais, abandonou-a êle, com prejuizo manifesto dos seus interesses, no dia em que o Presidente Roosevelt, pela acção persuasiva dum simples telefonema, apelou para a sua experiência e o encarregou de traduzir em actos, rapidos e concretos, a sua iniciativa de Emprestimo e Arrendamento.

Em dois anos escassos a actividade incansavel do sr. Stettinius foi consagrada por um exito total. Num livro de alto interesse historico e documental, «A arma da vitória», êle deixou-nos o testemunho desapaixonado e convincente da importancia decisiva que, para a realização da vitoria militar das Nações Unidas, teve a iniciativa de auxilio americano.

O secretario de Estado e o Presidente

Quando a incompatibilidade fundamental entre o puritanismo de Cordell Hull e o oportunismo de Sumner Welles se revelou insanavel, e a unidade de acção na Secretaria de Estado de Washington corria o risco de ser quebrada pela irredutibilidade de dois temperamentos pessoais igualmente vigorosos, o presidente resignou se a sacrificar o ultimo e chamou Stettinius para o substituir. Alguns meses depois, nas vesperas da eleição presidencial, a doença obrigava Hull a abandonar a actividade politica e a recolher-se á sua casa do Tennessee. Em poucas semanas, o antigo presidente da General Motors viu cair sobre os seus ombros o encargo dificil de dirigir a diplomacia duma grande potencia imperial na hora em que ela fazia a sua entrada sensacional na historia.

Passada a primeira sensação de surpresa, Stettinius lançou mãos á obra. O seu triunfo principal, que era simultaneamente a principal razão de fraqueza na tarefa que ia iniciar, resultava da confiança ilimitada que nêle depositava o presidente dos Estados Unidos. Em toda a parte se criou a convicção, rapidamente generalizada, de que por detrás do novo secretario de Estado era o presidente Roosevelt que pessoalmente fazia sentir a sua vontade. As dificuldades que tinham sido suscitadas pelo duelo de influências Hull-Welles não voltariam a repetir-se. Uma «équipe» de diplomatas de carreira (á frente da qual se encontra o antigo embaixador Grew) e de peritos encarregou-se de aconselhar o sr. Stettinius e de o auxiliar activamente.

Para evitar um malôgro

Os esforços que êle tem enviado, durante os ultimos dias, para salvar a Conferência de S. Francisco são geralmente tidos como uma projecção do empenho do presidente em evitar o malógro duma iniciativa da qual vai depender, por algum tempo, a evolução da politica interna e externa norte-americana. O quarto mandato do sr. Roosevelt foi concedido para a realização dum objectivo concreto: evitar a ameaça de novas guerras (o povo americano enviou os seus filhos para combater no continente europeu duas vezes em vinte e cinco anos) pela organização da segurança colectiva. Que aconteceria se esta aspiração generosa se não realizasse ou não recebesse, pelo menos, um começo de realização?

O desapontamento da opinião publica nos Estados Unidos não tardaria a encontrar a sua expressão numa daquelas reacções periodicas que se saldam, geralmente, por uma transformação radical da orientação seguida. Dentro e fora dos Estados Unidos, todos têm a consciencia clara dos perigos irremediaveis que uma tal transformação acarretaria. O drama de 1919 repetir-se-ia. Os senadores Lodge e Borah encontrariam sucessores autorizados e experimentados nos isolacionistas dos nossos dias. O afastamento dos Estados Unidos seria a primeira condição, hoje como depois da celebração do tratado de Versailles, para que, num prazo mais ou menos longo, se desencadeasse uma nova conflagração. A noção exacta deste risco imenso guia os passos do sr. Stettinius nas suas diligencias febris para evitar que a Conferência de S. Francisco se malogre.

A baronesa de Hoyningen-Huene

partiu para Berlim

Partiu hoje para Madrid, no avião da «Lufthansa», a sr.ª baronesa de Hoyningen-Huene, esposa do anterior ministro da Alemanha em Portugal, que há alguns meses se encontra a prestar serviço no Ministério dos Negócios Estrangeiros do seu pais.

Os dramas e as figuras da Espionagem

SOB ESTE TITULO, o grande escritor belga Pierre Goemaere está publicando em «Vida Mundial Ilustrada» um dos melhores trabalhos sobre espionagem até hoje aparecidos em Portugal. Desse sensacional trabalho, em rigoroso exclusivo da popular revista portuguesa de actualidades, já foram publicados dois capitulos: I) A espionagem de ontem e de hoje. II) A espionagem perante a moral. No grande numero de amanhã sairá o terceiro capitulo: A eficiencia da espionagem.

Leia, portanto, amanhã, «Vida Mundial Ilustrada»—o grande magazine português que é um mundo!

Assinaturas: Rua da Emenda, 69, 2.º, Lisboa. Tel. 25844.

A NATUREZA

mestra da vida

E' muito curiosa uma página que, com êste título publica a revista quinzenal ilustrada de actualidades internacionais «A Esfera» e que nos revela, em 16 desenhos comparativos, a semelhança entre alguns instrumentos cirurgicos e as cabeças de certas aves.

Numero avulso: 1$50. Assinaturas: rua do Alecrim, 65-1.º (telefone 21276).

O PAPA RECEBEU

o alto comissário da Nova Zelandia

LONDRES, 4.—O Papa recebeu recentemente, em audiencia, o Alto Comissário da Nova Zelandia em Londres, W. J. Jordan e o major general H. K. Kippenberger.—(R.).

As eleições no Brasil

RIO DE JANEIRO, 4.—O general Enrico Gaspar Dutra, ministro da Guerra do Brasil, vai apresentar o seu programa como candidato á Presidência dá Republica.—(R.).

Na sua biblioteca falta êste belo volume:

«VERSOS»

de ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Uma obra fundamental da literatura portuguesa contemporanea, de apresentação grafica excelente, a duas côres, com categoria verdadeiramente europeia

1 grosso volume, de grande formato, com o retrato do autor por *Cicero Dias*

Tiragem vulgar ..... 35$00
Em papel vergé ..... 45$00
Em papel offset (numerada e rubricada pelo autor) ..... 80$00

E' uma edição INQUERITO

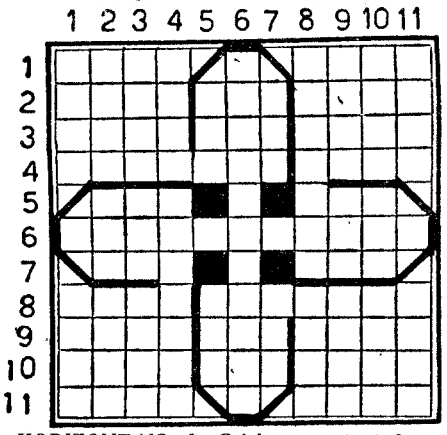
Pedidos á

EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LD.

Largo Trindade Coelho, 9, 2.º—Lisboa

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 922



HORIZONTAIS—1—Celebre actriz italiana, grande interprete de Dumas e D'Annunzio. Cidade espanhola, na provincia de Barcelona. 2—Frutas-do-Conde. Espaço de 24 horas. Guarneço. 3—Numero digito. Agarrei. Causar dôr. 4—Afasta-se. Pronome demonstrativo. 5—Pêlos de certos animais. Sádias. 6—Timidos. 7—Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Preposição e artigo (pl.). 8—Foi ao chão. Um dos Estados da Alemanha banhado por quatro rios. 9—Paixão. Gemidos. Camareiras. 10—Banda. Santo. Folha de ferro estanhado. 11—Discurses. Clima.

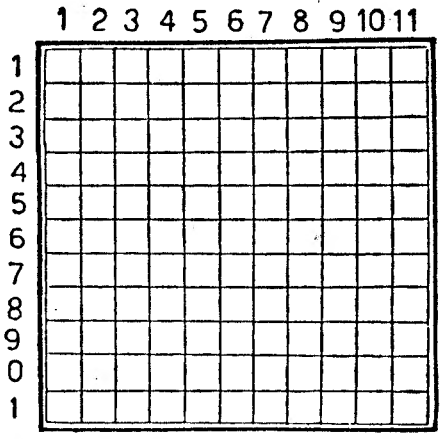
VERTICAIS—1—Oferecida. Endurecimento nos ossos fracturados. 2—Joeirou. Satelite da terra. Estimar. 3—Partes. Pegadeira. Misture com iodo. 4—Pronome demonstrativo. Antigos habitantes do Pais de Galles. 5—Uma das tribus de Israel. Utensilio domestico (pl.). 6—Desencaminhariam. 7—Criada grave. Costume. 8—Colonia inglesa da Africa do Sul, na bacia do Zambeze. Compartimento duma casa. 9—Nome grego do deus do Amor. Patrão. Fechar as asas para descer mais depressa. 10—Unificas. Catedrais. Pequeno barco de recreio. 11—Bebida usada pelos peruvianos, composta de milho demolhado. Ligeireza.

SOLUCÃO DO PROBLEMA N.º 921

HORIZONTAIS—1—Bonn. Metz. 2—Ada. Cal. Lio. 3—Cessar. Orion. 4—Irra. 5—Ia. Go. Asa. 6—Orgão. Preso. 7—Aro. Só. Si. 8—Reno. 9—Essen. Aturar. 10—Lot. Ara. Ota. 11—Alea. Oleo.

VERTICAIS—1—Bach. Vela. 2—Ode. Ira. Sol. 3—Nas. Agreste. 4—Si. Ao. 5—Cargo. Na. 6—Barro. Seara. 7—Ló. Ponta. 8—Ar. Ou. 9—Elipses. Rol. 10—Tio. Asi. Até. 11—Zona. Irão.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 78



HORIZONTAIS—1—Fim. Acto de sachar o milho de leve. 2—Consolidara. 3—Semelhança. Confusão de todos os elementos antes de se formar o mundo. Pau ferro. 4—Nome de homem. Amarraria. 5—Dolmens. Artigo definido. Mil e cinquenta romanos. 6—Filosofo grego que se opõe sempre a Heráclito. 7—Pronome pessoal. O mais. Içara. 8—Amaciem. Estimar. 9—Patria. Triturem com os dentes. Pronome pessoal. 10—Versiculos que se entoam antes dum salmo. 11—Gere. Pegadeiras.

VERTICAIS—1—Moradia. Caixa de madeira revestida de coiro ou lona para roupas. 2—Concelho do distrito de Bragança. 3—Prefixo de negação. Joeire. Encolerizar-se. 4—Impugnas. Simbolo quimico do niquel. 5—Nome de mulher. Espertalhão. 6—Sirga. Reduz a farinha. 7—Pegureira. Azafama. 8—Seguir. Abrigamos. 9—Tombar. Tanto. Em a. 10—Timidas. 11—Que. Clima.

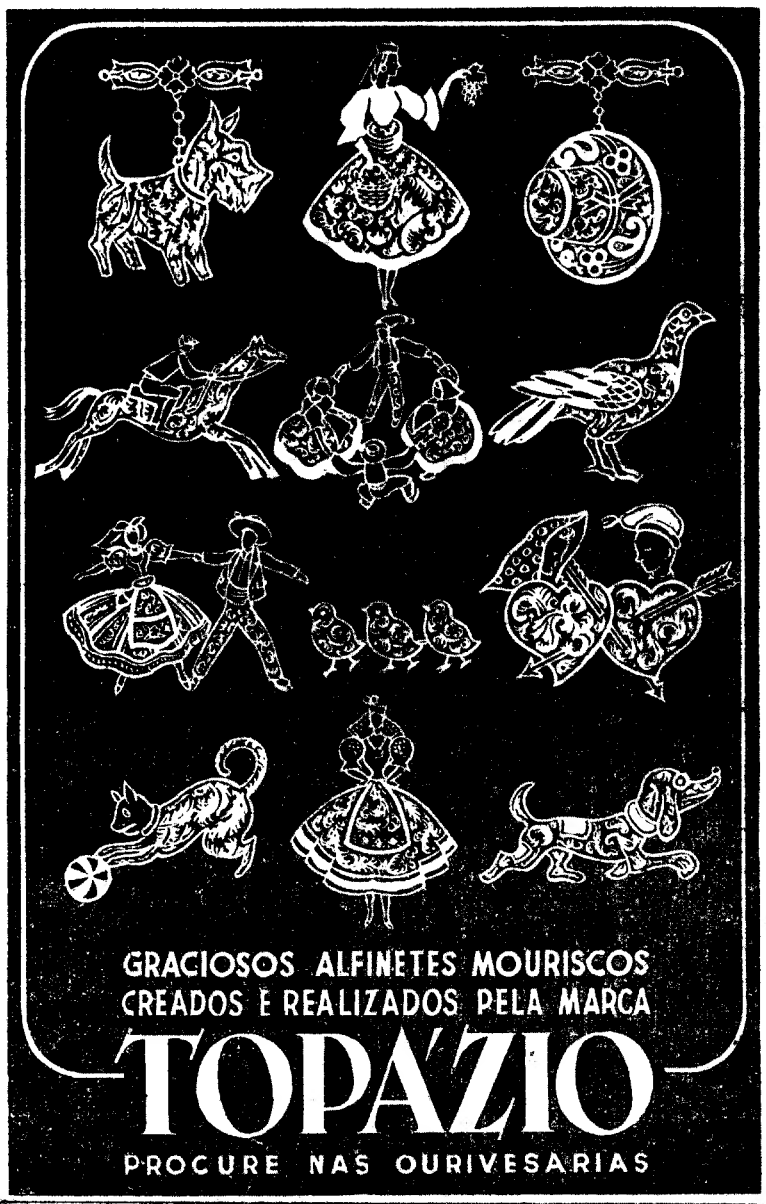
DINHEIRO
EMPRESTA-SE
dando-se o maximo sobre todos os objectos
R. Duque de Palmela, 11
á R. Alexandre Herculano

T. S. F.
Reparações em tôdas as marcas
Est. Valentim de Carvalho
R. Nova do Almada, 97

Não seja antiquado...

Modernise a sua casa comprando mobílias da

FÁBRICA PORTUGAL
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 49-57 - TEL. 24948



LEIA O sempre fixe

BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada
Rua Augusta, 275-1. — Tel. 2 9607

AS RUGAS
SÃO O PIOR INIMIGO DA SUA BELEZA
ELIMINE AS SUAS, USANDO OS
PRODUTOS ELECTRICOS
MIRABILIA
(LOÇÃO E CREME)

Companhia Nacional de Navegação
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Capital—Esc. 78.000.000$00
Sede: Rua do Comércio, 85—Lisboa
ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

A pedido da Administração, convoco a Assembleia Geral Ordinária para o dia 28 do corrente mês, pelas 15 horas, na sede da Companhia, rua do Comércio, 85, com a seguinte ordem do dia:

a) Discussão e votação do Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1944;

b) Eleição da Mesa da Assembleia Geral, Conselho de Administração, Conselho Fiscal e Comissão de Fixação de Vencimentos.

A esta Assembleia só poderão assistir os accionistas que estiverem nas condições estipuladas no art.º 24.º dos Estatutos e nos Decretos n.º 21.721, de 19 de Setembro de 1932, e n.º 22.897, de 29 de Julho de 1933.

Lisboa, 4 de Abril de 1945.

O Presidente da Assembleia Geral
Arthur Porto de Mello e Faro
(Conde de Monte Real)

CAMISAS POR MEDIDA
De sêda natural suiça, de lã, de linho, popelines inglêsas e nacionais. Manda-se mostruario aos clientes de Lisboa. Telf.: 5 0789.
Av. Conde Valbom, 108-1.º Dt.º

ALCOBAÇA
Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU». Esmerado serviço de restaurante e esplendidos quartos e «*appartements*»
Recomendado pelos Automovel Club de Portugal, Club dos Medicos Portugueses, Club dos «100 á Hora» e Sociedade Propaganda de Portugal.
Bau só existe um em Alcobaça e não tem sucursais

MOBILIAS
Renascença, talha primorosa, Inglesas e D. João V. Quartos e C. Jantar modernas. Tapetes Arraiolos. Visite-nos antes de comprar. C. Sacramento, 6 (ao Chiado).

Da arte e ideias no romance

Francisco Costa responde a Gaspar Simões

Meu caro João Gaspar Simões:—Conhece-me suficientemente para acreditar que, ao confessar-me entristecido pela sua crítica da «Primavera Cinzenta», não penso em mim mas em si. Como da outra vez—mas desta vez muito mais—é a veemência anti-moralista da sua página o que deveras me confrange. Se os autores, como V. tem repetidamente aconselhado, devem superar-se a si próprios a fim de serem actuais no futuro, os críticos têm de observar identico preceito, sob pena de não sobreviverem ao momento. O libelo, meu amigo, não deve comprometer o equilíbrio da sentença; e doi-me, sinceramente, que uma voz como a sua, tão nítida e clara quando fala de estética, se altere e enrouqueça quando a espinha da ética se atravessa na sua garganta.

Evidentemente, o meu livro tem defeitos: ninguem o admite mais prontamente do que eu. Relendo-o, impresso, reconheço sem hesitar que o efémero me fascinou em vários pontos e que, por isso, certas minucias aparecem grandes demais no conjunto do quadro. Mas neste, como no caso de «A Garça e a Serpente», o meu pecado contra a economia romanesca não está para o tamanho da obra na proporção em que o seu libelo está para o tamanho da sua crítica. Pessoalmente, prezando muito mais o intenso que o extenso, sinto-me compensadíssimo dos seus reparos pelo calor do seu elogio final, que do íntimo lhe agradeço. E' por si,, pelo seu ofício de criticar, pela altura da tribuna de onde V. fala, que eu me aflijo ao notar a falta de proporções da sua página.

Para mim (nunca o escondi, e talvez me tenha prejudicado estéticamente com essa franqueza...), para mim, a verdade que deve «restituir-se» por meio do romance é um valor positivo, um quebrado em que o bem está por cima e o mal está por baixo. V., nesta sua crítica, não se limita a contestar a relação em que os dois termos estão um para o outro, no meu livro —o que seria razoável; V. afiança, pura e simplesmente, que eu devia ter invertido os termos do quebrado, pondo o pecado por cima e a virtude por baixo, muito por baixo... E nisto é que deixou de haver justiça para haver preconceito.

Nesta sua crítica, advoga-se com tal parcialidade a excelência do pecado, que me parece ouvir ao longe, contra V., o ralho do Tolstoi contra os realistas granceses, para os quais—dizia o solene russo—, «o Belo, em cujo serviço a arte deve demonstrar-se verdadeira e ser representada pela mulher nova e bonita, quási sempre pouco vestida —o Belo consiste afinal em ter com ela relações carnais». De facto, V. parece convertido a essa velha estética. Em sua opinião, a Albertina do meu livro, com «aquele complexo de vícios e paixões que constitui, afinal, o fundo humano da vida» (são palavras suas), a Albertina é que era realmente mulher; e o tema central da «Primavera Cinzenta» deveria ser a fuga dela e do «rapazinho», com todo êsse amor acre e desigual no primeiro plano da narrativa. A sua predilecção literária pelo pecado impediu-o de entender que, para o «rapazinho», aquela fuga pouco mais podia ser que uma excursão nocturna, logo seguida de saciedade e de náusea. Na Albertina, tinha de ser mais, evidentemente; mas se eu me aplicasse a descrever êsse «drama pungente», (e em consciencia só poderia fazê-lo tratando-o de dentro para fora) então, sim, é que eu mereceria a justa censura que outros têm ouvido da sua bôca. Em primeiro lugar, deslocaria o meu foco de luz do primeiro para o segundo plano do romance, o que seria um manifesto êrro de tecnica, e em segundo lugar, abalançando-me á análise íntima dum «drama feminino», teria de fabricar, pela imaginação, o que não posso conhecer pela experiencia —artifício tantas vezes denunciado por V. a propósito de outros autores. Seria, aliás, inverosimil que o meu protagonista pudesse acomodar-se a uma ligação fundamentalmente absurda e que a «lógica vital» o não reconduzisse ao seu verdadeiro meio. Esquecer isto, limitando a segunda parte do romance ao relato directo da fuga pecaminosa, é que seria mutilar a verdade, pois ficaria inexpressiva a curva do regresso, fatal como tôdas as reacções.

Mas deixemos estas miudezas pessoais, e voltemos ao que interessa: a sua atitude perante o que no meu livro não é meu. Na realidade, esta sua crítica põe em causa, a propósito da «Primavera Cinzenta», o vasto problema, sempre velho e sempre novo, das relações de arte com a moral. Mesmo quando me acusa de pôr em relêvo uma fraqueza piegas da Ana Maria (tendo-me acusado, linhas atrás, do excesso de perfeitção dessa figura...), V. atribue ao fugidio episódio um significado que o transcende. As suas baterias estão, no fundo, assestadas contra o que é património de tôda a gente —de todas as consciencias bem formadas e não apenas da «estreita» consciencia católica. E é êste seu preconceito o que realmente me confrange. Como o Breno do «Vae victis!», V. chega-se á pobre balança onde eu procurei equilibrar o bem e o mal, lança neste segundo prato a sua pesadíssima espada e exclama perante os seus leitores: «Ai do Francisco Costa, se não se liberta de tal moralismo!»; e não repara que a espada de Breno não é bem um símbolo de liberdade. Sim: acutilando as nossas peias morais, V. nega-nos, afinal, sem dar por isso,—a liberdade (tão sagrada como as demais...) de sermos decentes em literatura. E, no entanto, dos autores não católicos, por V. mesmo apontados como paradigmas do romance livre de algêmas religiosas, apenas Zola se pode dizer que as não tivesse. George Eliot, Dickens, Dostoiewsky, Leão Tolstoi — todos se preocupam não só com o decoro, mas também com o significado teológico das suas obras. Por felicidade minha, se há romance sujeito a inibições e imperativos de ordem superior, é precisamente o inglês e o russo, ambos êles obra de não católicos. Por isso, ao referir a frase em que eu aleguei os ingleses para demonstrar que o romancista católico não tem o exclusivo da verdade integral, V. deveria ter considerado também o resto da minha argumentação. Se ao católico não cabe o exclusivo dos direitos, também lhe não cabe o exclusivo das obrigações: a dignidade, o asseio moral obrigam todo o escritor de alma limpa e recta. E assim, a decência inibitória, que tanto o impacienta nos meus livritos, não difere das restrições que estão patentes, a quem as queira ver, nos grandes livros dum Thackeray e dum Dickens, dum Tolstoi e dum Tourguenief. Todos êsses tiveram, afinal, «culpas» idênticas á minha: todos sentiram no mal uma ausência de bem; e muito antes de eu ter perpetrado... uma Ana Maria, ousaram êles criar outras resgatadoras. Basta recordar a Laura que redime o estouvado Pendennis; a Catarina Alexandrovna que desanuvia e converte o carrancudo Levine; a Agnes em cujo seio se aplacam os anseios de David Copperfield; e em especial essa adorável Lisaveta Micaelovna, que, podendo fazer feliz o desditoso Lavretzky, por a mulher dele «ressuscitar» inesperadamente, prefere o convento a um outro casamento sem amor.

Não, meu caro Gaspar Simões: ao escrever «católico e artista são, de certo modo, antagonismos. Para o católico, o problema do homem é visto em função de Deus», V. esquece que há mais deístas na terra, esquecendo, além disso, que linhas acima aprovara plenamente a minha frase: «tôda a alma bem formada pode escutar a ressonancia ultra-terrestre da existência na terra e escrever de harmonia com ela». Esta, sim, é a verdade que interessa. Tôdos os escritores que ambos nós citamos a demonstraram com a dignidade dos meios e a nobreza dos fins das suas melhores obras. Dir-me-á V. que êles não anunciaram ao publico a sua intenção moralizadora, deixando que os livros falassem por si próprios. Nisso terá V. razão: talvez as peremptórias advertências postas por mim no limiar dos meus livritos possam prejudicar, como certos vidros de côr, a minha humilde paisagem. A desculpa dessa minha... inadvertencia só pode ser uma: longe de procurar a grandeza literária que a sua amizade desejaria para mim, eu tenho ambicionado muito menos ser grande perante o mundo do que não ser demasiado pequeno perante Deus. Se assim não fôsse, talvez estiveses em desacôrdo com a fé que professa o seu antagonista constante e amigo de sempre.

FRANCISCO COSTA

Pede-se solução

para as aglomorações

nas estações dos Correios

O «Diário de Lisboa», no seu numero de 17 de fevereiro, aludiu á aglomeração de publico que se nota nas estações dos C. T. T. da capital, a certas horas do dia, de que resultam prejuizos para quem tem de utilizar-se dos serviços dos mesmos.

A este proposito, informa-nos a Administração Geral dos C. T. T. que estão a ser tomadas as providências possiveis no sentido de obviar aos inconvenientes expostos. Mas é intuitivo que em absoluto não lhes poderá pôr termo, porque para isso seria também necessário que o publico com ela cooperasse, não procurando utilizar-se dos serviços dos C. T. T. apenas nas horas limites estabelecidas para cada um dêles.

N. da R.—*Agradecendo tais informações, devemos salientar que, na sua maioria, as pessoas não se dirigem ás estações dos C. T. T. ás horas do fecho dos escritórios e dos estabelecimentos por sua vontade, mas porque é natural que os comerciantes e os outros homens de negócios reservem para as ultimas horas da sua actividade em cada dia a expedição do seu correio e de certos telegramas.*

Mantemos a nossa opinião de que um dos processos de descongestionar as estações servindo o publico seria o de receber telegramas e vender selos em todos os «guichets».

As novas instalações

da Pensão Nazareno, de Samora Correia

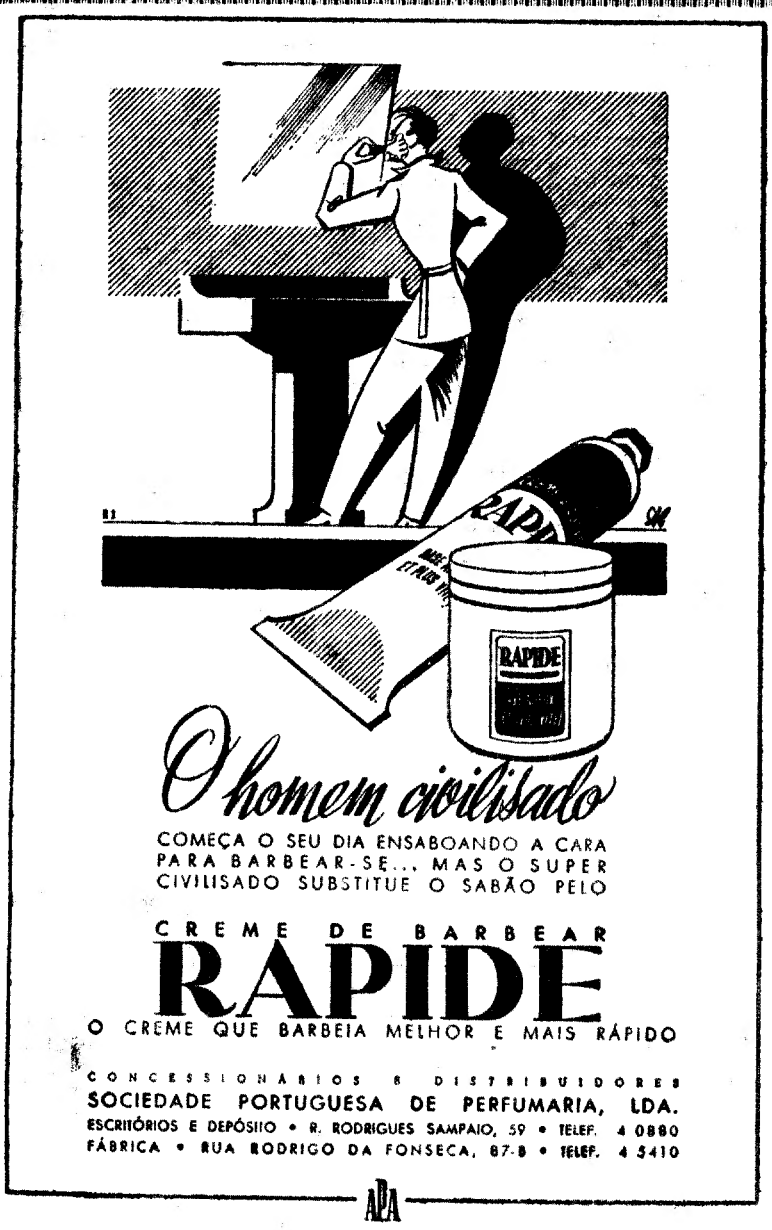
SAMORA CORREIA, 1.—Hoje, domingo de Páscoa, foram inauguradas as novas e excelentes instalações da Pensão Nazareno. Para festejar o acontecimento, o seu proprietário, sr. Nazareno, ofereceu um opíparo almôço, a que assistiram, por amizade para com êle, numerosas pessoas, entre as quais figuras muito representativas do comércio e da industria de Lisboa e da agricultura do Ribatejo, vindas algumas expressamente e que no final, saudaram o dono da casa, salientando o valôr da sua iniciativa, que constitue um importante melhoramento para Samora Correia.

Oficinas de transformação e conserto de jóias, pratas, ouro, com competência e honestidade.

Oficinas da Joalharia Morais

Rua Nova do Almada, 98

as maiores e mais bem montadas do País, contando como seus clientes as melhores casas Embaixadas, Consulados, Igrejas e Casas Titulares. Orçamentos e desenhos grátis.



O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

e doloroso? Não lhe parece que tanto ao Lazaro como a mim nos bastaria o nosso quinhão normal? Diz-se que, no intervalo que mediou entre a sua primeira e a sua segunda morte, Lazaro sofreu horrores. Fugiam dele como dum fantasma. Ele era o unico mortal que sabia os segredos da Morte. Voltava do reino das sombras e dos seus misterios.

A sua pessoa era um objecto de horror e de espanto. Ninguem o amava e ninguem suportava a sua presença fatidica. E conta-se que, ao sentir aproximar-se a sua segunda morte, foi esconder-se numa caverna, com medo não o ressuscitassem outra vez. Donde eu concluo que, se o Redemptor tivesse preguntado a Lazaro se ele consentia no milagre, a resposta da personagem evangélica seria um «não» redondo e aflitivo. Não acha?

O mestre respondeu, evasivamente:

—E' necessario fazer tudo para salvar uma vida...

—E para granjear glória imortal á custa do sofrimento alheio—tornou o mutilado.—Sem o Lazaro o Evangelho ficaria incompleto. Sem mim o professor não poderia concorrer a qualquer prémio internacional de cirurgia ou de escultura. Porque o senhor é o Miguel Angelo da carne humana e eu sou o seu Moysés! Simplesmente eu não sou de marmore, Mestre! Eu sofri horrores na minha carne e volto para a vida como um Lazaro, «ersatz» d'um homem, vivo apenas numa parte do meu corpo. Trabalhar não posso. Tenho 26 anos e estão-me vedadas todas as alegrias como as do amor. Aqueles que eu amei já não existem. E a saudade deles é talvez mais atroz do que todas as dores fisicas. E essa não pode o professor anestesiá-la. Depois—repare nisto—tenho de morrer outra vez.

O cirurgião procurou gracejar:

—Tudo isso são palavras. O essencial é que o meu amigo está vivo.

O mutilado sorriu e preguntou-lhe:

—Se eu lhe pedisse qualquer coisa, uma drogazinha que me permitisse acabar sem sofrimento, o Mestre não ma dava?

O sabio fixou-o com severidade e respondeu enérgicamente:

—Pois claro que não lha dava! Isso era uma cobardia e um crime.

Ninguem tem o direito de matar, nem que seja a si proprio. «Não matarás»—diz o decalogo:

O outro interrompeu sorrindo, só com a metade da sua cara que tinha mobilidade:

—Inteiramente de acôrdo. E' da lei religiosa e moral. Simplesmente lamento que ela não estivesse tão arreiga. e nos corações dos homens, de forma a chegar a tempo de evitar que eu esteja neste estado.

E' possivel que, com o andar dos tempos, eles se convençam da verdade de todas essas maximas. Está sempre nas mãos de Deus propinar-lhes uma nova Redempção, que os ponha de acôrdo com elas.

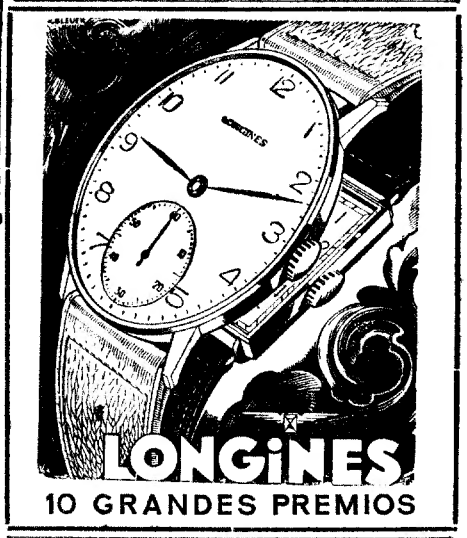
No entanto, tomo a liberdade de lhe aconselhar, que, sempre que vir um caso como o meu, antes de intervir, pregunte aos doentes e aos feridos se querem que intervenha.

Então o mestre riu e exclamou:

—Não tenha duvidas que querem todos. Todos,—digo-lho eu, que sei e tenho visto.

—Deve ser verdade—concordou o mutilado irónico. Mesmo em troca da promessa da vida eterna, há quem prefira esta, com todas as misérias.

Há exemplos ilustres e variados... A carne humana é fraca—quando não é de pau como a minha.—R. C.



DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris

RINS, vias urinárias—Venero—Sifilis

T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas

Telefone 2 9062

VIDA MUSICAL

Opera em S. Carlos

Abriu já a assinatura para os três espectáculos de ópera que vão realizar-se no teatro de S. Carlos. No dia 10, cantar-se-á a «Inez de Castro» com a mesma grandiosa montagem dos espctáculos do 150.º aniversário daquele teatro, sendo desta vez o elenco diferente, figurando, entre outros intérpretes, no papel de «Conselheiro», o baritono Edgard Duarte de Almeida.

No dia 12, serão dadas as «Rosas de todo o ano» e «Crisfal» estando a parte de «Maria» entregue a Maria Helena Lavrador, como soprano lírico de voz purissima. No dia 13, além das «Rosas de todo o ano», a partitura mais delicada escrita pelo maestro Ruy Coelho, dar-se-á a «Sinfonia Camoneana N.º 2» escrita pelo mesmo compositor aos 22 anos, para grande orquestra, órgão e fanfarras.

Grémio Concelhio dos Comerciantes de Ferro, Ferragens e Metais de Lisboa

Avenida da Liberdade, 252

Importadores de Ferro e de Metais e Armazenistas de Prego

Avisam-se todos os comerciantes de ferro e de metais de Lisboa, agremiados ou não, de que devem enviar a êste Grémio uma nota detalhada das suas importações efectuadas durante os anos de 1937-1938-1939, de ferros laminados, perfilados, trifilados e de metais, fazendo acompanhar essa nota dos documentos justificativos dos respectivos despachos aduaneiros.

Podem também apresentar quaisquer reclamações ou sugestões que entendam dever fazer.

Todos os comerciantes de Lisboa, agremiados ou não, que se considerem no direito de serem reconhecidos como armazenistas de prego deverão enviar a êste Grémio os elementos suficientes para justificarem êsse direito.

Quer uns quer outros dos elementos solicitados deverão ser apresentados até ao dia 1 do mês corrente.

A DIRECÇÃO

T. S. F.

Reparamos, trocamos e vendemos aparelhos das melhores marcas a pronto e em 12, 18 e 24 prestações.

Supersom Radio

Costa & Brito, L.da

Rua da Conceição, 35, 1.º — LISBOA

Telef. 24253

COMARCA DE LISBOA

3.º Tribunal Civel

ANUNCIO

Arrematação

No dia 16 de Abril, por 13 horas, á porta dêste tribunal, proceder-se-á á arrematação em hasta publica, pelo maior prêço oferecido e nos autos de execução sumária que o Banco Borges & Irmão move contra Américo Veloso Camacho, do seguinte:

O direito e acção que o executado Américo Veloso Camacho tenha a receber quaisquer quantias na qualidade de credor de José Maria Loureiro, comerciante na rua dos Correeiros, n.º 13-2.º, em Lisboa, quantias essas que constam da escrita do referido Loureiro, que vai á 2.ª praça pelo valor de 43.661$35.

Lisboa, 23 de Março de 1945.

O chefe de secção
Manuel Eduardo da Costa Fragoso

Verifiquei
O Juiz de Direito
Eduardo Coimbra

Guilherme Ferreira de Carvalho

FALECEU

Leonor de Carvalho, seus filhos, mãe e mais familia participam ás pessoas das suas relações e amizade o falecimento do seu querido marido, pai, filho e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, 5, pelas 9 horas, para o cemiterio do Lumiar.

O Asilo de Runa

(Continuação da 1.ª pag)

ços internos e da exploração agrícola e apícola.

O ultimo inválido oficial que esteve ali foi o capitão reformado, Pina, distinto matemático. Morreu há um ano.

Um marinheiro sem pernas

Actualmente, estão asilados sessenta soldados e cabos reformados e antigos combatentes, um dos quais foi marinheiro e é mutilado das duas pernas. Chama-se Bernardino Rodrigues. Foi fogueiro da Marinha de Guerra, tendo servido no couraçado «Vasco da Gama», com Leote do Rego; nos «destroyers» «Douro» e «Guadiana», respectivamente, sob o comando de Pereira da Silva e Afonso de Cerqueira; nas canhoneiras «Zambeze», com Lino de Sousa, «Limpopo», com Procópio de Freitas, um dos dirigentes do 19 de outubro, e «Zaire», com Freitas da Silva, uma das vitimas dêsse movimento. Fez parte do batalhão expedicionário a Africa em 1917, como praça da divisão naval comandada por Quirino da Fonseca, que esteve em Moçambique. Recorda-se de todos êstes oficiais e do médico desta ultima coluna, sr. dr. Manso Preto. Depois de abandonar a Marinha de Guerra, serviu na Marinha Mercante, trabalhando no «Cunene», dos Transportes Marítimos do Estado, e ultimamente no «Pedro Gomes», da Companhia Nacional de Navegação. Anda numa cadeira de rodas que êle próprio move.

Muitos dos asilados distraem-se a trabalhar. Assim, temos ali 2 quarteleiros, 2 caiadores, 2 ajudantes de jardineiro, 1 serrador, 1 carpinteiro, 1 sapateiro e 1 calceteiro que, quando não tem trabalho, o inventa, desmanchando o empedrado para o arranjar de novo...

Os asilados podem sair ás quintas e aos domingos; têm direito a 30 dias de licença por semestre; e, além disso, permite-se-lhes que saiam sempre que necessitem.

A enfermaria e os quartos

Na enfermaria, há actualmente 9 internados: paraliticos, cegos e reumáticos. 2 dêles, o 1.º cabo Augusto Conrado Junior e o 2.º cabo João Henriques, já estão ali desde 1939.

Nos diversos quartos—«recordar é viver!»—há numerosos objectos, principalmente retratos da vida militar e gravuras de chefes prestigiosos nacionais e estrangeiros, que agitam nas almas daquêles antigos soldados lembranças das vibrações de outrora.

O quarteleiro José Dias, tem o quarto e o escritório profusamente decorado. Ao lado das figuras do general Carmona e do dr. Oliveira Salazar, vêem-se as de Gomes da Costa, de Churchill, da princesa Elizabeth e da familia real inglesa e de Eisenhower, bem como as estrêlas americanas e êste letreiro da sua iniciativa: «Escarrar no chão é atentar contra a vida alheia». E' que êle é tão asseado que até areia as chaves... Foi soldado do C. E. P., da 2.ª bateria de morteiros pesados, comandada pelo capitão Choque; e no 9 de Abril foi ferido e aprisionado pelos alemães.

Passarinheiro e fadista...

Percorrendo os corredores, encontrámos diversas figuras curiosas:

O soldado António de Almeida, que foi criado do sr. conde de Pinhel, tem 64 anos. Tomou parte no 9 de Abril, em infantaria 5, sob o comando do capitão Alves. Agora é fachina dum sargento:

—O que andava eu a fazer lá fora? Não tenho ninguem...

O cabo Custódio serviu na artilharia pesada do C. E. P. Trabalha actualmente na carpintaria.

O soldado Arnaldo Madeira, de 40 anos, era de infantaria 1, adido a infantaria 2, quando do 9 de Abril. Foi aprisionado com o seu comandante, capitão Américo Olavo.

—Em que se entretem aqui?

—Faço gaiolas, armo aos pássaros e escrevo fados.

—Canta-os?

—Cantar já não posso, por causa das nevralgias.

—Está, então, na «muda»?

—E' verdade...

Saímos do edificio. Eram 10 e 30. Ouviu-se um toque. Era o almôço. Tivemos o gôsto de provar o primeiro prato: uma excelente dobrada, que foi servida com pão, um copo de vinho e um de banacau.

O guarda dos ninhos

O «40», não tem nome; não lhe interessa dizê-lo. O que marca é o seu numero. Foi clarim da G. N. R. e soldado do C. E. P. Tem determinadas manias, como por exemplo, a de não andar em espaços grandes, senão junto ás paredes, por ter receio de se desequilibrar. Entrou para ali convencido de que duraria pouco. Mas hoje já sabe que viverá emquanto existir em frente ao palácio um môrro com pinheiros, e que só morrerá quando o comer com arroz—a sua comida predilecta.

Os rapazes iam aos ninhos do parque. O comandante nomeou o «40» para os guardar. E desde então os garotos passaram a deixar em paz os passarinhos. E' que êles têm muito respeito pelo antigo clarim...

Um dos 50 que prenderam o Gungunhana

Caetano Maria, 2.º cabo, faz 72 anos êste mês. Tomou parte na campanha de Chaimite, com «o sr. capitão» Mousinho de Albuquerque, o «sr. tenente» Sanches de Miranda, o «sr. tenente» Couto e o sr. dr. Amaral. E' um velho simpático e bonacheirão. Foi um dos 45 soldados que, com Mousinho e mais 4 oficiais, prenderam o famoso Gungunhana, em 28 de dezembro de 1895...

—Ainda se lembra?

—Se me lembro! Levámo-lo para o acampamento, com o filho, Gudide, e as sete mulheres dêle. Os próprios pretos entregaram Zixaxa e Masuro. Foram todos levados para Lourenço Marques e depois trazidos para cá. Estive 28 meses em Africa.

—Foi condecorado?

—Tenho a Tôrre e Espada e a medalha da Rainha D. Amélia.

—O que fazia depois de sair da tropa?

—Emquanto pude, cavei.

—E agora?

—Agora só passeio. E, com ordem do nosso comandante, vou até lá fora.

E são todos assim êstes antigos soldados que em Runa vivem, evocando, ao sol, nas áleas do parque, ou na solidão dos seus quartos, tanta hora de trabalho, de luta—e ás vezes de glória...

SEVILHA

(Continuação da 1.ª pag)

claustro. Gozar á doida, mas também espiar duramente sôbre as lagens as manchas e as taras. Quando ia longe o éco das guerras, Dom Juan bateu-se contra o pecado:

—«Serei absurdo, maldito e blasfemo! Atropelarei, violarei, mas sem temer quaisquer respeitos humanos ou divinos».

Dom Juan distribuiu estocadas a torto e a direito, abriu caminho, surpreendendo o pudor no seu mais lindo sonho. Não o aterrou a estátua do Comendador. Avançou para a morte, sem vendar os olhos nem dobrar a espinha.

Arrependeu-se, tocado pela graça dum amor puro?

Zorrilla assim o concebeu, embora o arrependimento não conste de Tirso e Molina. O pecado—o que nos parece mais certo—absorveu-o inteiramente. Sevilha, a cidade de Maria Santissima, repeliu-o. Mas como a raça do «burlador» tem raizes fundas e consagrações maléficas, as procissões vieram para a rua, em longos e sinuosos cortejos, a-fim de que Jesus e a sua Mãe purificassem as pedras e os corações dos terrenos lodos e misérias pecaminosas.

AVIAÇÃO SEM MOTOR

O Secretariado da Aeronautica Civil, empenhado em desenvolver a aviação em Portugal, não descura os primeiros passos da educação aeronautica e entre estes a aviação sem motor.

Assim, o técnico de vôo sem motor do Secretariado, acompanhado do técnico de aviomimiatura do mesmo, regressou de uma viagem de exploração ás zonas dos arredores de Lisboa, Alenquer, Torres Vedras e Bombarral, com vista a procurar locais utilizaveis para a pratica de tão interessante modalidade desportiva.

Descobriram-se vários montes com interessantes caracteristicas, de molde a dar grandes esperanças na sua utilização futura.

No entanto, a segurança que o Secretariado deseja pôr em todas as suas realizações não se coaduna com improvisações, e tanto basta para justificar as observações e estudos sérios a que serão submetidos os vários locais antes de serem considerados aptos para a aviação sem motor.

REUNIÃO DE DIRECTORES

de companhias coloniais

O sr. ministro das Colonias, dr. Marcelo Caetano, acompanhado do governador geral de Moçambique, general sr. Tristão de Betencourt, recebeu esta tarde no seu gabinete os directores das companhias que têm interesses em Africa e com os quais trocou impressões.

NOTICIAS DE AVEIRO

AVEIRO, 1

O importante mercado anual Feira de Março prossegue bastante animado e concorrido por pessoas desta cidade, dos concelhos do distrito e até do Porto, Viseu e Coimbra. A Comissão Municipal de Turismo trabalha no sentido de elaborar um programa de festas para as noites dos proximos domingos. Em dia ainda não determinado, deve realizar-se o costumado grande concurso de gado bovino.

—Está marcado para o dia 14 do corrente o lançamento á agua, nos estaleiros da Gafanha, do navio-motor «Inacio Cunha», de 900 toneladas, propriedade da firma Testa & Cunhas, Ld.ª, desta praça.

—Com a saida das imponentes e vistosas procissões da Ressurreição, consideradas das mais luxuosas do país, que, hoje, de manhã, desfilaram, ao som dos acordes das bandas de musica, pelas ruas das freguesias da Vera-Cruz e da Gloria, engalanadas de garridas colgaduras, terminaram as solenidades do culto externo da Semana Santa.

VIDA MUNDANA

CASAMENTOS

Realizou-se na igreja paroquial de Fatima, o casamento da sr.ª D. Maria Sofia Ferreira Veloso, filha do sr. António da Silva Veloso e da sr.ª D. Maria Adelaide Ferreira Veloso, com o sr. dr. António de Sousa Pontes, de Quarteira, chefe de serviço da Comissão Reguladora das Oleaginosas e oficial das Alfandegas filho do sr. Agostinho de Sousa Pontes, já falecido, e da sr.ª D. Maria de Sousa Amen. Apadrinharam o casamento os srs. eng. Carlos da Costa e Valentim da Silva Neves Duque e suas esposas. Os noivos foram passar a lua de mel a Vouzela.

«MATINE'E» DE CARIDADE

Um grupo de senhoras da nossa sociedade resolveu promover uma «matinée» de Caridade no próximo dia 12, no Cinema Central. O espectaculo começará ás 15 horas, devido a ser composto por dois filmes de longa metragem, «Tovaritch» e «Um Sonho Real». Os pedidos de bilhetes pode ser feitos pelos telefones 41652 ou 25484.

LUSTRES

APLIQUES
CASTIÇAIS
ABAT-JOURS

J. R. DE BRITO
FABRICANTE
E

CANDELABROS
CANDEIROS DE MESA
VELAS, MADEIRA E CARTÃO

RESTAURADOR DE LUSTRES ANTIGOS

Rua Luiza Todi, 2 (à rua de D. Pedro V) Telef. 2 0497 — LISBOA

Francisco Neves

FALECEU

Augusto Neves, sua mulher e primas Maria, Rosalina, Laura, Alexandrina, seu marido e filhos e mais familia participam ás pessoas das suas relações e amizade o falecimento do seu muito querido avô, tio e parente, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 10 e 30 horas, da sua residência, rua de D. Estefania, 75, 3.º andar, para jazigo no cemitério dos Prazeres.

AGENCIA BARATA

Francisco Neves

FALECEU

NEVES & DURÃES, LD.ª participam aos seus clientes e amigos o falecimento do avô do seu prezado sócio gerente Augusto Neves, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 10 e 30, da sua residência, rua de D. Estefania, 75, 3.º para jazigo de familia no cemitério dos Prazeres.

Limpeza urbana

E' muito engraçada a página de Francisco Valença, no «Sempre Fixe» de hoje, a propósito do edital acêrca da limpeza dos prédios de Lisboa.

Carlos Botelho—com a sua felicíssima página gráfica de «Ecos da Semana»—, Stuart Carvalhais, Octávio Sérgio, Pinteus, Pargana e Brandeiro são os outros artistas representados nêste numero do popular semanário humorístico.

Numero avulso: $50. Assinaturas: rua da Rosa, 57-2.º (telefones 20271, 20272 e 20273).

VIDA DESPORTIVA

FUTEBOL

Campeonato corporativo

Com o fim de manter em actividade os grupos que não ficaram apurados para a «poule» final do Campeonato Nacional Corporativo de Futebol, a F. N. A. T. resolveu fazer disputar entre os referidos grupos um torneio de futebol a eliminar, sem distinção de categoria, cuja inscrição deve ser feita até sexta-feira, dia 6, pelas 18 horas, efectuando-se o sorteio nesse mesmo dia, na sede daquele organismo, pelas 21 e 30.

ATLETISMO

Estafeta Cascais-Lisboa

Realiza-se no próximo domingo a estafeta Cascais-Lisboa, sendo a partida dada de Cascais, pelas 11 horas. A inscrição, gratuita, encerra-se na quinta-feira, na sede da Associação de Atletismo.

E' de conta dos clubes concorrentes o transporte e colocação dos seus corredores.

As estafetas são as seguintes: Cascais-Estoril 2.100 metros; Estoril-Parede 3.700 m.; Parede-Paço de Arcos 7.200 m.; Paço de Arcos-Algés 5.300 m.; Algés-Alcantara Mar 5.300 metros.

Disputa-se uma taça para o clube da «équipe» vencedora e 5 medalhas para a «équipe».

O PORTO pelo telefone

Exumação de cadaveres

PORTO, 4.—Por determinação judicial procedeu-se esta tarde, no cemiterio do Repouso, á exumação do cadaver de António Fernandes, sepultado em 25 de fevereiro ultimo, por suspeita de que a causa verdadeira da sua morte não corresponda ao que foi mencionado na respectiva certidão de obito. Presidiu aos trabalhos da exumação o juiz sr. dr. Abreu da Fonseca, da P. I. C.

Com fractura de espinha

Recolheu em estado grave ao hospital o lavrador Manuel Mota, de Arouca, que fracturou a coluna vertebral em virtude de ter dado uma queda.

CORPOS ADMINISTRATIVOS

O chefe do distrito que ontem, no seu gabinete, empossou o novo presidente da Camara Municipal da Lourinhã, foi hoje de tarde áquela localidade, a-fim de assistir á cerimonia da entrega dos poderes ao sr. engenheiro José Bernardo.

Amanhã, o sr. comandante Nuno de Brion dá posse, no seu gabinete, ao sr. major Cunha Nery, recentemente nomeado presidente da Camara Municipal de Vila Franca de Xira e, na sexta-feira, vai áquela vila assistir á transmissão de poderes.

PENICILINA

Precisa-se com muita urgência. Paga-se bem. Telefone 50420.

VINHO VERDE NATURAL
"VERDE ATEI"
SERVIDO AO ALMOÇO E AO JANTAR
ALIMENTA E DISPÕE BEM!...
R. ALEXANDRE HERCULANO, 160

DE LUTO

João Carvalho Rebelo dos Santos

Na sua residência, avenida Almirante Reis, 141, rés-do-chão, dir., faleceu hoje o sr. João Carvalho Rebelo dos Santos, electricista, de 29 anos, filho do sr. Adelino Rebelo dos Santos e da sr.ª D. Alice Carvalho Rebelo dos Santos.

O funeral realiza-se ámanhã, ás 10 e 30, da morada acima indicada para o cemitério do Alto de S. João.

Francisco Neves

Faleceu o sr. Francisco Neves, de 93 anos, viuvo, proprietário, natural de Pampilhosa da Serra, avô do sr. Augusto Neves, comerciante da nossa praça.

O seu funeral, a cargo da agência Barata, realiza-se amanhã, ás 10 e 30, da sua residência, rua D. Estefania, 75, 3.º, para jazigo no cemitério dos Prazeres.

Mocidade Portuguesa

Curso de Orientação de Dirigentes

Estão a decorrer com grande interêsse os trabalhos do 3.º Curso de Orientação de Dirigentes, instalado na Colónia de Férias da Costa de Caparica. Hoje, de manhã, foram versados os problemas de táctica aconselhada para a instrução de vanguardistas e de campismo, preparação para o concurso de observação que se realizará depois de ámanhã, e o sr. capitão António dos Santos fez algumas considerações acêrca da instrução de tiro, na intenção de dar a esta modalidade maior expansão.

De tarde, foram distribuidos os trabalhos apresentados pelos instrutores da provincia e postos em especial pela direcção dos serviços de instrução geral problemas que respeitam aos centros de instrução de quadro a funcionar nas diferentes alas das províncias.

A' noite, como ontem, haverá sessão cultural com a exibição de filmes da M. P.

Pelas 15 horas, todos os instrutores do curso visitaram o acampamento dos filiados instalado na mata.

Amanhã os instrutores do curso almoçam no acampamento com os filiados, e na sexta-feira efectua-se a visita das entidades oficiais.

A silvicultura nacional

desde o principio da nacionalidade

Na Sociedade de Ciencias Agronomicas realiza hoje uma conferência o director geral dos Serviços Florestais, sr. D. José de Mendia, que fará uma resenha da silvicultura nacional desde o principio da nacionalidade, acentuando os reinados de D. Afonso IV, D. Dinis e a epoca de 500 até á actualidade.

Define as condições florestais do país e a sua posição entre os demais da Europa, em que ocupa o nono lugar. Falando da economia das matas, sublinha a acção desenvolvida em beneficio da caça e da aquicultura, descrevendo o plano de arborização aprovado pela lei de junho de 1938, que tem em vista a arborização de 450 mil hectares de baldios.

A' conferência do sr. D. José de Mendia, que começa ás 17 e 30, devem assistir individualidades em destaque e muitos agronomos.

Um incêndio destruiu

o 3.º andar dum prédio em S. Sebastião da Pedreira

Esta manhã, pouco antes das 6 e 30, foram pedidos os socorros dos bombeiros para a rua de S. Sebastião da Pedreira, por se ter declarado incendio com grande violencia na agua-furtada do predio n.º 114, residencia do sr. Joaquim Antunes. No local compareceu o material dos Sapadores Bombeiros da 3.ª Companhia e Voluntarios Lisbonenses, sob a direcção dos chefes Pais, Ferreira e subchefe Santos. Foram montadas duas agulhetas para o ataque ao incendio que se desenvolvia rapidamente e ameaçava devorar todo o predio. O fogo destruiu todo o madeiramento da propriedade e parcialmente os haveres do locatario do 3.º andar, como mobiliario, louças e roupas. As portas e alisares ficaram carbonizados.

Presume-se que o incendio fôsse ocasionado por um curto-circuito da instalação electrica. Os prejuizos estão cobertos pelo seguro. O predio pertence ao sr. José Lopes Guerra, residente na rua Filipe Folque, 7, 3.º.

No local do sinistro compareceu um camião com Policia, que manteve a distancia grande numero de curiosos. O rescaldo terminou ás 9 horas.

O centenario de Roentgeu

e a sessão de ontem

Foi coroada de grande brilhantismo e significação a sessão inaugural, ontem realizada no salão nobre do Hospital de S. José, do centenario de William Roentgen e do cinquentenario da descoberta dos Raios X. Além do sr. ministro da Educação Nacional, e dos subsecretarios de Estado da Educação e da Assistencia, assistiram, entre outras pessoas, o presidente da Sociedade de Radiologia, a quem se deve a iniciativa da comemoração do notavel acontecimento, dr. Aires de Sousa, o professor dr. Azevedo Neves, reitor da Universidade Técnica, dr. Freitas Simões, bastonario da Ordem dos Medicos, dr. Alves Roçadas, enfermeiro-mór dos Hospitais, e varios professores.

Foram particularmente interessantes os discursos pronunciados pelos drs. Amorim Ferreira, Diogo Furtado e Aires de Sousa.

Assinalamos que a primeira noticia, em Portugal, relativa á descoberta do sabio alemão, foi publicada em 27 de Janeiro de 1896, no jornal «Novidades», que se atrasou vinte e um dias em relação á Imprensa inglesa.

HOJE NÃO HOUVE PEIXE

na lota de Santos

Hoje não houve peixe na lota de Santos, em virtude de se ter atrasado na sua marcha o barco que anda na pesca e ontem era esperado e ainda pela falta de combustivel para os barcos de pesca, o que obriga á saida só de 3 barcos por semana para o mar.

Amanhã deve haver peixe, visto ser esperado hoje, durante a tarde, o barco que devia ter chegado ontem.

UNICOTE

TINTA A ÓLEO, MATE, LAVAVEL

Ideal para Decorações de Interiores, não contendo chumbo, nem matérias acépticas

Grande facilidade no seu emprêgo — Optimo poder de cobertura

Fornecida em 40 tons diferentes

CHEGOU NOVA REMESSA

::PRONTA ENTREGA::

Depositários exclusivos:

GME. GRAHAM JR. & C.ª

Rua dos Fanqueiros, n.º 7 LISBOA Tel. 2 0066/9

Rua dos Clérigos, n.º 6 Tel. 880/1 PÔRTO

PELARIA DO CARMO

Tem a honra de convidar V. Ex.ª a visitar a sua exposição de confecções para a nova Estação, executadas segundo os ultimos modelos apresentados pelas casas da especialidade de Madrid e Barcelona.

81, RUA DO CARMO, 83

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

UM ROUBO DE 15 CONTOS—A Policia procura descobrir o paradeiro da criada de servir Ana Dias, de 30 anos, que praticou um furto de 15 contos em dinheiro e roupas, em casa da sua patroa, a sr.ª D. Elvira Meneses e Castro, rua Castilho, 21.

FURTO DE FAZENDAS—O sr. José Dias Azevedo, rua Eugenio Santos, 99, queixou-se contra dois individuos a quem acusa de terem furtado do seu estabelecimento fazendas no valor de 4 contos, que depois foram vender por metade do custo.

FURTO DE 42 CONTOS—Os gatunos furtaram ao negociante sr. Raimundo António da Costa, de 68 anos, quando seguia num «eléctrico» da carreira Almirante Reis-Campolide, a carteira com 42 contos. Foi apresentada queixa á P. S. P.

FICOU SEM ALIANÇA—Foi presa a cigana Maria Brilhante, de 26 anos, residente na Amadora, que há dias teve artes de lêr a sina á criada Maria Teixeira, residente na Praça do Ultramar, 4-3.º, convencendo-a de que se ela lhe entregasse a aliança de ouro que trazia no dedo, conseguiria que lhe saisse a sorte grande.

PRINCIPIO DE INCENDIO

Causado por faulhas saidas duma caldeira, declarou-se incendio no madeiramento do prédio onde está instalada a Sociedade de Torrefacção de Moagens, Ld.ª, na rua de Santa Marta, 57. Os Sapadores Bombeiros da 1.ª companhia e Voluntários Lisbonenses extinguiram o incendio com o emprego duma agulheta, tendo ardido cêrca de oito metros quadrados do madeiramento. Os prejuizos estão cobertos pelo seguro.

DESASTRES

GARRAFÃO DE AMONIACO QUE SE PARTE—Na drogaria da firma Viuva José Dias, Ld.ª, rua dos Fanqueiros, 344, quando o empregado Manuel de Jesus da Fonseca descia do estabelecimento para a cave, com um garrafão de amoniaco, caiu e partiu o garrafão, tendo ficado ferido. Seguiu para o hospital. Os bombeiros ventilaram o estabelecimento, com o uso de serradura e mascaras.

Manuel de Jesus Fonseca faleceu pouco depois de ter dado entrada no hospital.

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provavel amanhã em Portugal, segundo a previsão do Serviço Meteorologico do Exército:

NORTE E CENTRO—Continuação da instabilidade atmosferica. Nevoeiros locais. Vento de direcção variavel e fraco.

SUL—Ceu por vezes bastante coberto. Bruma local. Vento predominante dos quadrantes de N, fraco.

Em todas as zonas, temperatura sem grande alteração.

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje, até ás 16 horas, segundo os registos do Observatorio Infante D. Luiz: *Maxima, 21°,8; minima, 9°,8.* No mesmo dia do ano passado: *Maxima, 17°,2; minima, 14°,2.*

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	977$	—	977$
Consolidado 3 % T. 10	1.010$	1.009$	1.010$
Consolidado 3 1/2 T. 10	1.062$	1.061$	1.063$
Consolidado 3 3/4 T. 10	1.029$	1.029$	—
Obrigs. T. 2 1/2 1942	995$	992$	997$
Obrigs. T. 2 1/2 1943	—	—	1.000$
Centenários 4 % ...	2.445$	2.443$	2.450$
Obgs. Tes. 3 1/2 T. 10	—	1.050$	1.080$
Externas 1.ª série	1.920$	1.915$	—
Externas 1.ª carimbadas	—	1.860$	1.900$
Externas 3.ª série	—	1.900$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	—	1.970$
Cautelas 3.ª série s/juro	298$	297$	298$
Acções			
Esp.St.º e Com.L.ª port.	—	2.600$	2.610$
Lisboa e Açores por....	1.000$	998$	1.005$
Ultramarino cp. T. p....	424$	424$	425$
Portugal port. T. p....	—	1.710$	1.750$
Aguas Lisboa 1934 T.p.	—	—	238$
Aguas Lisboa 1936 T.p.	231$	231$	233$
Cervejas Estrela	—	1.850$	1.900$
Cimentos Tejo	570$	560$	580$
Cimentos Leiria T. p....	—	970$	1.000$
Crédito Predial port. ...	29$	29$	29$
Gás e Electricidade cup.	318$	317$	318$
Alto Alentejo cupão...	855$	850$	858$
Industrial Aliança... ...	—	—	420$
Portugal e Colónias ...	332$	332$	332$
Nacional Naveg. T. p.	1.170$	1.169$	1.171$
Colonial Navegação ...	1.345$	1.340$	1.350$
Portug.ª de Pesca T. P.	—	—	950$
Port.ª de Tabacos cupão	632$	631$	633$
Tabacos Portugal cupão	—	700$	800$
União Eléctrica Port.ª	—	631$	645$
Cassequel	1.050$	1.048$	1.052$
Agricola das Neves ...	705$	706$	708$
Agricultura Colonial ...	—	—	485$
Açucar de Angola... ...	1.838$	1.835$	1.839$
Buzi	202$	201$	202$
Ilha do Principe	—	610$	615$
Zambézia T. de 25 ...	93$	93$	94$
Obrigações			
Aguas de Lisboa 5 %...	540$	535$	—
Norte de Portugal 5%	112$	111$	113$
C. P. 6 %	—	280$	285$
C. P. 6 % Beira Baixa	—	—	298$
F. N. T. Moag. 5%T.p.	—	1.021$	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 25482 RUA DA PRAIA, 48

As tropas de Montgomery

ultrapassaram Osnabrück

e já percorreram dois terços do caminho do Reno para Berlim

LONDRES, 4—(Urgente)—O correspondente da Reuter junto do Q. G. do 21.º grupo de exércitos informa que tropas da 6.ª divisão britanica aerotransportada se encontram em Osnabrück, cidade que foi ultrapassada pela 11.ª divisão blindada.—(Reuter).

Discute-se

na América a questão dos acôrdos secretos feitos em Yalta

NOVA YORK, 4.—O «New York Times» diz hoje que se cometeram êrros crassos na Conferência de Yalta e que o Presidente Roosevelt tem uma parte de responsabilidade. O primeiro êrro foi concordar em que a Russia tivesse três votos no Conselho de Segurança «pelo facto da parte heroica que desempenhou na guerra». Mas isso não constitue razão bastante para se abandonar o principio sólido da igualdade perante o Conselho. O segundo êrro do Presidente Roosevelt consistiu em pedir três votos para os Estados Unidos, violando assim o mesmo principio. O terceiro êrro foi não se ter tornado publica essa decisão imediatamente. O resultado inevitavel do sigilo guardado é surgir a suspeita de que na Conferência de Yalta se tomaram outras resoluções de caracter secreto. O jornal conclue dizendo: «Felizmente a declaração de ontem do ministro dos Negocios Estrangeiros Edward Stettinius repôs as coisas nos devidos termos e estamos agora outra vez no bom caminho».—(R.).

A posição dos países da América Latina

LONDRES, 4—A reclamação dos países da America Latina acêrca dos votos no Conselho de Segurança é apoiada hoje pelo «Times» em artigo de fundo. O jornal diz que a reclamação do Canadá contra a rigida divisão entre cinco grandes potencias e seis pequenas potencias é artificial e que se deve procurar estabelecer uma categoria intermedia. O articulista conclue; «Alguns países da Comunidade Britanica assim como outros da America Latina têm o direito de pedir que se lhes dê uma categoria entre as grandes potencias e as pequenas».—(R.).

A opinião francesa

PARIS, 4.—Os jornais desta cidade, parecendo reflectir o ponto de vista do govêrno francês, reclamam que se realize uma reunião de representantes da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da Russia, da China e da França antes da conferência de S. Francisco. Os jornais acrescentam que seria muito de desejar que se evitassem possiveis desentendimentos que podem surgir acêrca da questão polaca, conseguindo-se o acôrdo das partes interessadas. Entre outras questões que deveriam ser discutidas, segundo os jornais parisienses, indica-se a da participação da Argentina na conferência de S. Francisco.—(Reuter).

Leiam o jornal humoristico SEMPRE FIXE

A 240 kms. de Berlim

LONDRES, 4.—As vanguardas do exército do marechal Montgomery já percorreram dois terços do caminho do Reno para Berlim. Tendo ultrapassado Osnabruck, combatem agora em Herford, na margem do rio Werre, cêrca de 160 quilómetros a leste de Wesel e 307 quilómetros a oeste de Berlim. Mais ao sul, o exército de Patton avançou para leste até um ponto apenas a 240 quilómetros da capital do Reich. O correspondente especial da Reuter junto do Q. G. do 21.º Grupo de Exércitos, Denis Martin, telegrafa informando que as vanguardas de Montgomery avançam pela estrada de Hannover.

Kesselring combate renhidamente para manter aberta a ultima estrada de retirada para o Reich da costa da Holanda, mas, segundo Charles Lynch, correspondente da Reuter junto dos canadianos, os alemães não dispõem de efectivos suficientes para deter os Aliados. Na «bolsa» de resistência do Ruhr, 100.000 alemães cercados aguardam o aniquilamento. As tropas do 1.º Exército reduziram essa «bolsa» de resistência em consequência de novos avanços do leste e do sul. O 7.º Exército alcançou Heilbronn. O 1.º Exército francês, segundo foi oficialmente anunciado, encontra-se estabelecido com toda a firmeza a leste do Reno.—(Reuter).

A 55 kms. para além de Münster

PARIS, 4.—(Urgente).—As colunas blindadas dos Aliados encontram-se já a mais de 55 quilómetros para além da importante cidade alemã de Münster, que ontem foi tomada, e ocuparam mais cidades e numerosas povoações, cujos nomes não podem ser por emquanto revelados.

As tropas aliadas continuam a travar renhidas batalhas em Marienburg, suburbios da grande cidade alemã de Wurzburg. Os alemães, nas ultimas horas, sofreram um duro desgaste em homens e armamento. Os Aliados fizeram muitas centenas de prisioneiros e apoderaram-se de grandes quantidades de armamento, munições e abastecimentos.—(United Press).

A 100 kms. da Checo-Eslováquia

PARIS, 4.—Os observadores militares ligam a maior importancia ao facto de três grandes cidades alemãs, Münster, Fulda e Aschaffenburg terem caído ontem nas mãos dos Exércitos aliados e das colunas blindadas avançadas do general Patton se encontrarem apenas a 100 quilómetros da fronteira da Checo-Eslováquia e a 300 quilómetros do local onde combatem outras tropas aliadas na frente oriental.—(U. P.).

A ofensiva aérea prossegue

LONDRES, 4.—A aviação aliada, muito para além das vanguardas do marechal Montgomery atacou hoje Hamburgo, na foz do rio Elba, a ultima barreira natural antes de Berlim. A rádio de Berlim, dando esta noticia, acrescentou que outros bombardeiros aliados se encontravam sôbre a base naval de Kiel. O Quartel General do 8.º Corpo da Aviação Americana diz que bombardeiros americanos voltaram esta manhã a atacar objectivos da Alemanha e o comunicado do Ministério da Aeronautica Britanico anuncia que aviões «Lancaster», escoltados por «Mustangs» e «Spitfires», realizaram hoje um ataque diurno a concentrações de tropas alemãs em Nordhausen, a uns 95 quilómetros a nordeste de Cassel. Nordhausen já fôra ontem atacada por outros «Lancasters».—(Reuter).

Novo ataque a Berlim

LONDRES, 4.—Algumas centenas de bombardeiros «Mosquito» efectuaram a noite passada mais um ataque a Berlim, muito mais violento do que as habituais incursões das noites anteriores.—(U. P.).

Combóio sueco atacado por um bombardeiro

ESTOCOLMO, 4.—Um bombardeiro quadrimotor não identificado atacou um comboio de mercadorias suéco, numa estação próximo da fronteira norueguesa. O maquinista ficou ligeiramente ferido.—(R.).

Praia das Maçãs
Moradias

Não deseja possuir uma moradia nesta praia, a mais saudavel dos arredores de Lisboa na opinião de distintos clinicos (praia e campo)?

A nossa organização permite proporcionar-lhe interessantes modalidades para que V. Ex.ª possa adquirir uma vivenda com tôdas as comodidades modernas dentro de grande area de terreno (1000 m2) no melhor local da Praia.

Ficará com um valor real para si ou para os seus. Não terá muitas ocasiões como esta.

Pecal, Ld.ª, R. Prata, 198-3.º dt.º, ou um n/ delegado actualmente na Praia dar-lhe-á todos os esclarecimentos.

Os americanos

invadiram o extremo sul *das ilhas Sulu* e tomaram Tawi

MANILA, 4.—O Q. G. de MacArthur informa que as fôrças americanas invadiram o extremo sul do arquipelago Sulu, em Tawi. A tomada de Tawi afecta sériamente a principal posição do inimigo nas ilhas Sulu.

A cidade de San Pablo, capital da provincia de Laguna, a sueste de Luzon, foi tomada

Tawi é uma das principais ilhas do arquipelago de Sulu, no Mar de Sulu que vai do norte de Borneo até Mindanao. Essa ilha acha-se a uns 80 quilómetros a leste do extremo oriental do norte de Borneo.—(Reuter).

Violento ataque aéreo a Tóquio

WASHINGTON, 4.—O Departamento de Guerra comunica que mais de 300 Super Fortalezas Voadoras, com bases em Saipan, nas ilhas Marianas, voltaram esta manhã a atacar com a maior violência os objectivos militares de Tóquio. Provocaram grandes destruições e incêndios e foi directamente atingida uma grande fábrica, onde se registaram sete tremendas explosões, seguidas de violentos incêndios, que rápidamente se alastraram a uma vasta área.—(U. P.).

A luta em Okinawa

GUAM, 4.—O Q. G. avançado da esquadra americana informa que fuzileiros navais do 3.º corpo anfíbio alcançaram a costa leste de Okinawa. Soldados de infantaria da 7.ª divisão avançaram na direcção das praias de Nakagusuku. Em tôdas as frentes se realizaram progressos contra uma resistência fraca.—(R.).

AGUA DO CRUZEIRO
CORREIO DO LUSO

Incomparavelmente a mais leve.
Usa-la como consumo diario é ter a certeza de adquirir uma boa disposição permanente. Não consegue beber outra agua mais leve e saborosa.
Dep. Contreras & Contreras, Ld.ª
R. S. Bento n.º 634, Tel. 63033.

Restaurante e Salão de Chá
ROSA ARAUJO
Reabriu hoje com grande e escolhida frequencia esta antiga e acreditada casa, com um esmerado serviço de **almoços, chás e jantares.**
Rua de S. Nicolau, 48